



UFSM

Dissertação de Mestrado

**LUDICIDADE E IMAGINÁRIO...
... SUAS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE
INTERLOCUÇÃO PARA REPENSAR
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Janice Vidal Bertoldo

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

LUDICIDADE E IMAGINÁRIO...
... SUAS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE
INTERLOCUÇÃO PARA REPENSAR
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

por

Janice Vidal Bertoldo

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

PPGE

Santa Maria, RS, BRASIL

2004

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**LUDICIDADE E IMAGINÁRIO...
... SUAS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE
INTERLOCUÇÃO PARA REPENSAR
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

elaborada por
Janice Vidal Bertoldo

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Valeska Fortes de Oliveira
(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Péricles Saremba Vieira

Profa. Dra. Silvia Maria de Aguiar Isaia

Santa Maria, 08 de outubro de 2004.

VEJAM ISTO,... VEJAM BEM

Vejam bem oh! meus amigos
quanta profusão
para chegar à proposta
de auto-expressão

Do contexto da realidade
ao processo de interação
os sussurros vão se passando
estabelecendo uma relação.

O aprofundar
para amadurecer foi ficando.
Gente adulta impaciente
ansiosa vai se tornando.

Vejam bem, como nos jogos
as verdades, verdadeiras.
Estão sem dúvida alguma,
as diretivas primeiras.

Resgatando para a infância
em seu mais puro sentido.
O jogo e a expressão,
não ao brinquedo dirigido.

(Telma Lúcia, Belo Horizonte, 1984).

Dedico este trabalho as colaboradoras que participaram e contribuíram de forma significativa para a realização desta pesquisa e a todos os profissionais da educação que buscam incessantemente melhorar o seu trabalho.

Penso ser este o momento de buscar em minha memória os nomes daquelas pessoas que foram e são importantes, que tornaram este momento real. Nomes que não poderia deixar de registrar e agradecer a convivência e as contribuições significativas para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Zulma e Nilton, por me incentivarem sempre a estudar, não tendo palavras para dizer obrigada pela dedicação e carinho sempre presentes no decorrer desta pesquisa;

A minha irmã, Adriane, pelo afeto, nos momentos em que vivemos juntas;

Ao Denis, meu esposo e amigo, que mesmo distante se fez muito presente ao me incentivar em todas as etapas da pesquisa;

A minha orientadora, Valeska Fortes de Oliveira, pela amizade, acolhida em momentos decisivos, pelo desafio deste estudo, pelo conhecimento compartilhado em nossas orientações individuais e coletivas, bem como em suas aulas, pela paciência e carinho com que sempre me acolheu, permitindo deslumbrar-me com novos conhecimentos, enfim que oportunizou este momento de descoberta da capacidade de imaginação e criatividade que eu enquanto

pesquisadora pude desfrutar, nas quais demonstrou-me a simplicidade da vida;

À professora Silvia Maria de Aguiar Isaia e ao professor Raimundo Dinello, pela disponibilidade e leitura criteriosa possibilitando significativas sugestões na defesa do Projeto, contribuindo na elaboração desta dissertação;

Ao professor Péricles Saremba Vieira por aceitar o convite para participar da banca da defesa final do presente trabalho;

À Cristina, professora responsável pela elaboração do Abstract;

Ao Luiz Fernando por realizar o trabalho de formatação;

Às professoras que se dispuseram a realizar o trabalho: Carmelinda e Suzana, pelos laços de confiança construídos;

A todos aqueles que integram o grupo do GEPEIS, pelos momentos de estudo, de

amizade recebida, de festas, viagens, pela
convivência;

Aos colegas do Mestrado em Educação, pela
parceria nas aulas, apresentação de trabalhos,
pelo carinho de sempre;

Aos funcionários do PPGE, pela
disponibilidade em atenderem as nossas
demandas, em especial a Elizabete.

As minhas companheiras e amigas da
Recre/iando, Luciana e Vânia, pelos momentos
alegres de convivência;

A minha colega e parceira de disciplinas, além
de grande amiga, Patrícia do Amaral Comarú,
pelas idéias compartilhadas em nossos
planejamentos de aulas lúdicas, que muito
contribuíram nesta pesquisa;

A minha amiga Waléria Fortes de Oliveira, pela
convivência breve, mas muito significativa em
nossos momentos de ludicidade nas Ludotecas
e nos últimos tempos, pelo “diálogo virtual”,
importantes na realização deste trabalho;

A OMEP/SM, em especial a professora
Leonina Fortes de Oliveira, pelo carinho
demonstrado;

A minha grande amiga Fernanda, pela sua
amizade de todas as horas, inclusive pelo seu
apoio técnico;

Ao Anselmo por sua amizade sempre presente
e disponibilidade em auxiliar nas questões de
ordem técnica;

A colega Soraia pelo material bibliográfico colocado a minha
disposição;

À família, aos amigos, mestres e todos que direta e indiretamente
contribuíram para a concretização desta caminhada, com sua amizade
e alegria, incentivo, apoio, esforço, pelos sorrisos e diversões,
expresso minha gratidão repartindo os méritos desta conquista.

MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	xii
LISTA DE ANEXOS	xiii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xvi
APRESENTAÇÃO.....	18
1 ESSA É A JUSTIFICATIVA...	21
1.1 Como nasceu este estudo?	
A chegada ao ponto de partida: onde tudo começou...	21
1.2 Antes de mais nada...	
... o que se entende por educação infantil? Um espaço a ser reformulado...	27
2 A ESCOLHA DA METODOLOGIA	31
3 DE MÃO DADAS...NOSSOS LAÇOS	
A APROXIMAÇÃO COM AS COLABORADORAS DA PESQUISA	39
3.1 Professoras colaboradoras da pesquisa...	39
3.2 Instituição de Ensino Superior (Cursos de Formação de Professores) ...	41
4 HISTÓRIAS DE PROFESSORES...AS NOSSAS	43
4.1 Dando voz a atuação lúdica docente: Que história é essa?	85

4.2 Como é trabalhar com o processo de rememoração?	91
5 UMA REVISÃO CONCEITUAL: Ludicidade, Imaginário e Formação de Professores...todo o professor precisa ser um pouco criança!	97
5.1 Imaginário Docente - Que imaginário é esse?	99
5.2 Por que os Professores tem que brincar?	101
5.3 Mas qual é o papel do professor durante as atividades lúdicas?	111
5.4 Redimensionando os dizeres e saberes do ofício docente: o que a ludicidade tem a ver com isso?!	118
5.5 O saber lúdico: que saber é esse?	129
5.6 A experiência viva do professor animador. E quem é esse professor animador?	143
5.7 Considerações importantes... ... sobre o papel do professor de educação infantil	147
5.8 As representações dos professores frente a uma metodologia lúdica	150
6 ENFIM, POR QUE REPENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES À LUZ DO IMAGINÁRIO E DA LUDICIDADE? ... MINHAS CONCLUSÕES FINAIS...	158
BIBLIOGRAFIA	165
ANEXOS	170

LISTA DE SIGLAS

- CE - Centro de Educação
- GEPEIS - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social
- UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
- OMEP/SM - Organização Mundial de Educação Pré-Escolar/Santa Maria

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Carta de Cessão	171
ANEXO II - Carta de Cessão	172
ANEXO III - Carta de Cessão	173
ANEXO IV - Carta de Cessão	174
ANEXO V – Pesquisa	175
ANEXO VI – Pesquisa	176
ANEXO VII – Pesquisa	177
ANEXO VIII – Roteiro	178

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Curso de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

LUDICIDADE E IMAGINÁRIO SUAS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÃO PARA REPENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Autora: Janice Vidal Bertoldo

Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira

Data e local da defesa: Santa Maria, 08 de outubro de 2004.

Este estudo contempla questões que dizem respeito ao imaginário, a ludicidade e à formação de professores, compreendidos como pilares para a educação de um grupo social. Pretendemos defender o valor educativo do lúdico na educação a partir de uma perspectiva do imaginário social e sua contribuição para uma pedagogia da imaginação, procurando defender a idéia de que uma metodologia lúdica pode transformar-se em possibilidade para o desenvolvimento da aprendizagem no âmbito escolar. Estamos propondo ressignificar a pesquisa educacional, em que o imaginário e o simbólico têm relevância, por considerarmos importante uma proposta pedagógica sustentada em pressupostos teóricos que expliquem a concepção de homem, de educação e de sociedade. Este trabalho quer contribuir para com uma prática pedagógica, que tem por base a história oral dos professores, voltada para a memória docente, no sentido de abordar a memória da escolaridade e infância desse profissional, onde viveu sua ludicidade. Os colaboradores deste estudo são professores de escolas

da rede pública da região da cidade de Santa Maria no Estado do Rio Grande do Sul. Os resultados apresentam uma preocupação com uma mudança conceitual para as práticas cotidianas de jogo com crianças em idade infantil. Para tanto, animações lúdicas foram realizadas, nas aulas, entendidas como recursos de investigação, formação e autoformação, possibilitando a ressignificação das trajetórias dos professores envolvidos neste estudo, bem como da presente pesquisadora.

ABSTRACT

Master's Degree Thesis in Education
Graduate Program in Education
Universidade Federal de Santa Maria

THE LUDICITY AND THE IMAGINARY THEIR DIVERSE POSSIBILITIES OF INTERLOCUTION TO RETHINK TEACHERS' FORMATION

Author: Janice Vidal Bertoldo
Advisor: Valeska Fortes de Oliveira
Santa Maria, october 8th, 2004

This study regards matters that concern the imaginary, the ludicity and the teachers' formation, understood as the pillars for education of a social group. We intend to defend the educational value of the ludic in education from a social imaginary perspective and its contribution for a pedagogy of imagination, in order to defend the idea that a ludic methodology could change into a possibility for the learning development in a school environment. We propose to resignify the educational research, in which the imaginary and the symbolic have relevance, since we take into consideration a pedagogic proposal supported on theoretical postulations that explain the conception of human being, education and society. This work aims to contribute to a pedagogical practice which is based on teachers' oral report, focused on the teaching memory in the sense of approaching the memory of this professional about his/her school days and childhood, where his/her ludicity takes place. The collaborators of this study are teachers from the public net school in Santa Maria, a city in the state of Rio Grande do Sul. The results show a concern about the conceptual change for the daily practice of games with children in the childhood age. For that purpose, ludic games were put into practice in classes, understood as investigatory resource, education and self-

education, enabling the resignificance of teachers' trajectories involved in this study, as well as this researcher.

APRESENTAÇÃO

Inicialmente fica o convite aos leitores para folhearem estas páginas, quero convidá-los a uma descoberta de um caminho, a uma leitura que nos leva ao mundo infantil, a seus sonhos, seus medos, suas lutas. Esta dissertação pretende levá-los à criança, comovendo-os e inquietando-os. Ela abre questões e levanta dúvidas. Com este trabalho tenho a intenção de ajudar o leitor a caminhar em direção à compreensão do mundo infantil, tão rico e ao mesmo tempo obscuro ao mundo adulto. É um convite a sonhar, mas também a pensar...

“LUDICIDADE E IMAGINÁRIO... ..SUAS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÃO PARA REPENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES” quer contribuir no processo de formação de professores. Este trabalho pôde contar com a colaboração de duas professoras, das cidades de Quevedos e Pinhal Grande, em formação inicial de uma Universidade em Santa Maria.

A investigação realizada nesta dissertação focaliza a formação dessas professoras, fazendo uma leitura de suas representações a partir do imaginário social, visando conhecer seus processos de formação numa perspectiva lúdica.

“ESSA É A JUSTIFICATIVA...” é o primeiro capítulo, no qual mostro, como o próprio título sugere, a justificativa do meu estudo, os motivos pelos quais levaram-me a realizar esta dissertação. Nele estão os subcapítulos: **“Como nasceu este estudo? A chegada ao ponto de**

partida: onde tudo começou...” e “Antes de mais nada... ..o que se entende por Educação Infantil? Um espaço a ser reformulado...”

No segundo capítulo, **“A ESCOLHA DA METODOLOGIA”**, sistematizo os instrumentos utilizados para desenvolver minha pesquisa junto aos sujeitos colaboradores. Também descrevo a abordagem metodológica escolhida para assim situar os leitores na investigação das questões do trabalho.

A apresentação e meu envolvimento com as professoras colaboradoras é trazida, principalmente, no terceiro capítulo, cujo título é **“DE MÃOS DADAS...NOSSOS LAÇOS - A APROXIMAÇÃO COM AS COLABORADORAS DA PESQUISA”**; e que está dividido em dois subcapítulos: **“Professoras colaboradoras da pesquisa...”** **“Instituição de Ensino Superior (Cursos de Formação de Professores)...”**.

No quarto capítulo, **“HISTÓRIAS DE PROFESSORES...AS NOSSAS”**, estão contemplada as histórias de vidas da pesquisadora e das duas professoras envolvidas na pesquisa. Este é um momento, em que alguns tempos são trazidos à memória; tempos de infância, da escolaridade, da vida em família, da vida profissional. Nele as lembranças dos tempos lúdicos são ressignificadas, noutras palavras, o lúdico é rememorado pelos tempos da infância, da escolaridade, da vida adulta, da vida acadêmica. Estas representações que trazem destes momentos lúdicos estão registradas nos subcapítulos **“Dando voz à atuação lúdica docente. Que história é essa?”**, e na seqüência, **“Como é trabalhar com o processo de rememoração”**.

O quinto capítulo é justamente a análise geral da trama da voz dos autores, da pesquisadora e das professoras colaboradoras em relação as três categorias, compreendidas como pilares fundamentais na formação do ser social: o imaginário, a ludicidade e a formação de professores. Desta forma este capítulo é intitulado: **“UMA REVISÃO CONCEITUAL: Ludicidade, Imaginário e Formação de Professores...todo o professor precisa ser um pouco criança!”**. Seus parâmetros estão detalhados nos seguintes subcapítulos: **“Que imaginário é esse?”**, **“Por que os Professores têm que brincar?”**, **“Mas qual é o papel do professor durante as atividades lúdicas?”**, **“Redimensionando os dizeres e saberes do ofício docente: o que a ludicidade tem a ver com isso?”**, **“O saber lúdico: que saber é esse?”**, **“A experiência viva do professor animador...E quem é o professor animador?”**, **“Considerações importantes...sobre o papel do professor de educação infantil”**, e finalizando, **“As representações dos professores frente uma metodologia lúdica”**.

No último capítulo, **“ENFIM, PORQUE REPENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES À LUZ DO IMAGINÁRIO E DA LUDICIDADE? ...MINHAS CONCLUSÕES FINAIS...”**, é a síntese da dissertação, pontuando as discussões finais dos fundamentos que se propõem a constituir os pilares da formação docente em Instituições de Ensino Universitário nos Cursos de Formação de Professores.

1. ESSA É A JUSTIFICATIVA...

1.1 Como nasceu este estudo?

A chegada ao ponto de partida: onde tudo começou...

O processo de rememoração mais uma vez se faz presente, pois ao propor-me escrever um capítulo com esta finalidade, de descrever meu ponto de partida para a elaboração do Projeto da Dissertação, nada mais adequado do que voltar às lembranças de onde tudo começou.

O fato de se ter tido o privilégio de participar de dois campos de atuação profissional, como educadora e como psicopedagoga, permite que se coloque essas duas facetas juntas, de modo a valorizar as contribuições de cada uma e apontar, ao mesmo tempo, suas eventuais carências, uma vez que estão fundadas na própria experiência.

Desta forma, não se poderia deixar de optar por um trabalho que permitisse aproveitar e aprofundar os conhecimentos decorrentes desta formação, assumindo o compromisso de devolvê-los à sociedade.

A interação estabelecida com os professores em formação, pelo fato de lecionar disciplinas em Cursos Universitários, mais especificamente em Cursos voltados à educação, também contribuiu para a escolha de uma pesquisa com este perfil.

Também foi visto como uma possibilidade de continuar a formação permanente enquanto um ofício de mestre. Em outras palavras, estava-se procurando respostas a perguntas que inquietavam e que continuavam sem respostas. De fato, foi a forma encontrada para responder a tantos questionamentos ainda reticentes.

Tendo em vista uma formação profissional qualificada para a educação básica, mais especificamente à educação infantil, acreditamos que antes de tudo é necessário rever e questionar as concepções sobre criança e educação infantil.

Diante disso se quer defender que para atuar com crianças de zero a seis anos, requer preparo equivalente aos de profissionais de outros níveis de ensino, isto significa dizer que requer a devida valorização dessa formação no patamar de outros cursos.

Kishimoto, (1999) afirma que, “hoje, a educação infantil luta para garantir um processo de profissionalização que respeite o acesso ao ensino superior e seu gradual aperfeiçoamento, em cursos de especialização e pós-graduação.”

Os cursos de Educação Infantil, atualmente, têm a preocupação em inovar, de remodelar os currículos, mostrando a preocupação com a formação do educador infantil, e para além deste fator, existem pesquisas sendo realizadas em espaços de formação de professores. E a exemplo concreto disto, temos este estudo. Isto significa que a presente pesquisa está sendo efetivada em um ambiente acadêmico, num espaço de formação de professores.

E para tanto, também se quer uma mudança no perfil dos professores formadores, uma identidade profissional definida, sendo

este o cenário em que se pretende incidir novas propostas de formação de professores e assim garantir a representatividade desses profissionais que trabalham com grupos infantis diversos.

Neste sentido o trabalho contempla os seguintes objetivos: proporcionar o desenvolvimento de atividades lúdicas, que venham a contribuir para a formação do educador como um ser integral e como cidadão comprometido consigo mesmo e com o próximo. Desta forma, o educador terá acesso a uma vivência lúdica não somente através de uma prática lúdica, mas também da memória de sua própria escolaridade e infância, onde viveu sua ludicidade. Portanto esta pesquisa compreende um espaço para expressão da cultura, a interação social e a promoção da aprendizagem do professor como sujeito capaz de criar, pois a capacidade de criação do ser humano está relacionada com a chamada autonomia, enfim, um sujeito com imaginação criadora; orientar os professores a respeito da importância do lúdico no desenvolvimento de seus alunos a partir de um novo olhar que compreende a dimensão imaginária, ou seja, uma dimensão que pode produzir o novo: os sonhos, os desejos, as expectativas e os mitos dos sujeitos envolvidos com uma determinada realidade; demonstrar que quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance deste profissional trabalhar com a criança.

No entanto, para que isso fosse possível, se considerou importante iniciar por uma pesquisa que contemplasse uma questão que oferecesse uma discussão possível de propor algumas alternativas de trabalho pedagógico a partir da vivência lúdica e da própria história de vida das pessoas pesquisadas, neste caso professores.

No decorrer do trabalho a questão a ser investigada remete a outras questões complementares, concernentes ao âmbito pesquisado.

Por isso a necessidade de fazer-se uma revisão mais apurada da literatura disponível sobre o tema pesquisado, propondo-se a analisar criticamente o estado atual do conhecimento nessa área de interesse.

É um estudo voltado para a especificidade escolhida, selecionando os aspectos mais relevantes para chegar-se a uma compreensão mais completa da questão a ser investigada. Ao mesmo tempo, procurar não perder de vista o resgate contínuo dos textos teóricos, bem como de algumas questões substantivas do ponto de vista da educação.

Por essa razão entende-se que a presente proposta de pesquisa permite uma rediscussão e um redimensionamento através de novas investigações no que se refere à concepção do imaginário social e de uma educação lúdica.

Este estudo se coloca na perspectiva de Vygotsky (1991, histórico-cultural), bem como na concepção de Dinello (1997, expressão lúdico criativa), e na abordagem de Cornelius Castoriadis (1982, imaginário social), entre outros autores que propõe um novo paradigma na pesquisa educacional, onde o imaginário e o simbólico têm relevância, por considerarmos importante que um Projeto com uma proposta pedagógica esteja sustentada em pressupostos teóricos que expliquem a concepção de homem, de educação e de sociedade, alicerçando a postura pedagógica do educador no processo educativo.

Na teoria histórico-cultural, conhecida como abordagem sócio-interacionista (Vygotsky 1991), dentre as contribuições para esta pesquisa, encontrada -se a idéia de que o jogo traz oportunidade para o preenchimento de necessidades irrealizáveis e também a possibilidade para exercitar-se no domínio do simbolismo. Quando a criança é pequena, o jogo é o objeto que determina sua ação. Do ponto de desenvolvimento da criança, a brincadeira traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas.

A brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Elas estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis, tanto nas tradicionais, naquelas de faz-de-conta, como ainda nas que exigem regras. Podem aparecer também no desenho, como atividade lúdica. A imaginação é um processo novo para a criança, pois constitui uma característica típica da atividade humana consciente.

É certo, porém, que a imaginação surge da ação, e é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. Isso não significa necessariamente que todos os desejos não satisfeitos dão origem aos brinquedos.

Na proposta de Dinello (1997), expressão lúdico criativa, também se define uma fundamentação para a ludicidade, quando salienta que o ser humano fundamenta-se na experiência lúdica do período infantil, justamente porque todo o homem foi uma criança.

Para o autor cada situação de jogo tem, em si mesma, uma gama de ensaios que desenvolvem o indivíduo. É hora de perguntar-se de que maneira os jogos podem encontrar um lugar primordial em

nossa vida cotidiana. Os jogos devem ser vistos em sua função educativa, sendo assegurado a todas as crianças pela comunidade. Eles são um meio de crescimento durante a primeira infância: a criança constrói suas relações com o meio ambiente, assim como também se descobre; ela estimula a estimulação do funcionamento fisiológico tanto quanto do desenvolvimento de um ser inteligente.

Dinello ressalta que a maior importância dos educadores (lúdico criativos) está na estimulação da criança para a aquisição dos instrumentos de compreensão do mundo e de diálogo. As animações lúdicas nos permitem ser "outro"; em que para os adultos abrem novamente uma porta de liberdade, de comunicação e de expressão pessoal.

Também afirma que ante a crise, as pessoas, mais especificamente os adultos, têm a necessidade de serem criativos; e os jogos são a atividade mais propícia para que desenvolvam o gosto por essa liberdade necessária para a criatividade e finalmente, procurar outros valores sociais que podem construir melhor o futuro de todos.

Castoriadis (1982) é contemplado por este estudo, justamente pela sua contribuição para a abordagem do imaginário, discutindo duas categorias a da autonomia e a da criação. Este autor aposta no sujeito capaz de criação histórica. Estes dois elementos são de grande significado dentro de uma proposta de educação lúdica, porque ela também se fundamenta a partir destes dois pressupostos.

Para Castoriadis, o homem cria – inventa a sociedade. Portanto, o conceito de imaginário está relacionado à concepção de emergência do novo, sendo o que se propõe nesta pesquisa. Ainda se

refere às significações imaginárias a partir da sua manifestação no simbólico. Os estudos sobre imaginário social contribuem significativamente para a possibilidade do novo, considerando o imaginário social como forma de expressão. Esta dimensão criadora é que considera os desejos, os sonhos e as crenças dos sujeitos históricos, sendo uma dimensão pouco explorada nos estudos educacionais.

Portando, também se procura desvelar esta dimensão simbólica, pois o imaginário, para se manifestar, se utiliza do simbólico. O termo imaginação, em Castoriadis, é tido como a capacidade de colocar uma nova forma, como a capacidade que permite ao ser humano criar um mundo.

Mas após darmos este panorama dos autores contemplados neste estudo, gostaríamos de retomar mais algumas discussões postas nesta pesquisa.

1.2 Antes de mais nada... ...o que se entende por Educação Infantil? Um espaço a ser reformulado...

O direito de brincar está reconhecido no princípio 7 da Declaração dos Direitos da Criança, adotados pela Assembléia Geral da ONU a 30 de Novembro de 1959, e é considerado tão fundamental para a criança como o direito à saúde, à segurança ou à educação.

Com os estudos sobre a atividade lúdica na Educação Infantil, tendo por horizonte de discussão as contribuições da teoria sociocultural de Vygotsky e seus seguidores, é possível visualizar o real papel a ser desenvolvido na Educação Infantil.

Para esta teoria a atividade lúdica é concebida como um elemento potencializador do desenvolvimento, ao permitir a criança à representação de papéis sociais e assim torná-la consciente do mundo dos objetos sociais e fundamentalmente, das relações que as pessoas estabelecem no mundo em que vivem.

Ao repensar o espaço da Educação Infantil também se está repensando a prática dos professores, em que sua função também é compreender a relevância da atividade lúdica como atividade desenvolvente, capaz de formar crianças com autonomia de pensar, sentir, agir e valorar, contribuindo assim para o efetivo desenvolvimento destas.

A teoria histórico-cultural, conhecida como abordagem sócio-interacionista tem segundo Vygotsky (1991) como objetivo caracterizar os aspectos humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam, ou se originam ao longo de toda a história humana e de como elas se desenvolvem durante a vida do indivíduo, no seu ambiente físico e social, na sua relação com a natureza e na análise das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem.

Para Vygotsky (1988, 1987, 1991), os processos psicológicos são construídos a partir de condições do contexto sociocultural, concebendo o mundo como resultado de processos histórico-sociais

que alteram não só o modo de vida da sociedade como também os modos de pensamento do ser humano. Dessa forma, toda atividade humana, incluindo suas brincadeiras, é construída como resultado de processos sociais.

De acordo com esses aspectos, os processos psicológicos se originam nas relações entre os indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento.

Contudo, conforme Isaia (1998), Vygotsky, para explicar a formação dos processos psicológicos superiores, ressalta que os mesmos, apesar de sua base biológica, são construídos a partir de fatores socioculturais que evoluíram ao longo da história dos homens.

O mecanismo responsável pela constituição destes processos superiores está, segundo Isaia (1994) na dinâmica entre o nível interpessoal e o intrapessoal, ou seja, as relações interpessoais são vistas como mediadoras da apropriação da experiência social que em um primeiro momento é externa, sendo depois reconstruída pela pessoa.

A preocupação com a Educação Infantil remete à consideração de qual atividade é responsável pela apropriação, por parte da criança, das experiências construídas ao longo do processo histórico.

Tendo por base colocações de Vygotsky (1991), Leontiev (1988) e Elkonin (1980), sabe-se que a atividade lúdica ou jogo é responsável, no período infantil, pela apropriação da cultura e conseqüentemente pelo desenvolvimento da criança.

E para complementar a necessidade de mudança conceitual no que se refere ao entendimento da Educação Infantil, enquanto um espaço a ser reformulado, cita-se Dinello (1999), “É hora de ordenar novas finalidades educativas para organizar as estruturas institucionais e aplicar novas metodologias acordes com os tempos atuais certamente mais complexos”.

2. A ESCOLHA DA METODOLOGIA

O método biográfico, História de vida, foi o escolhido, por entender que é um “livro de corpo inteiro” sobre a vida do ser humano em suas próprias palavras. A validade da história de vida reside em sua habilidade de representar a realidade subjetiva do participante da pesquisa, isto é, sua definição da situação. Isto significa que através deste método pode-se representar as práticas habituais vivenciadas e tornar possível a retomada da prática pedagógica dos professores a partir da reflexão de sua opção pela profissão professor, bem como sua compreensão conceitual a respeito dos processos de ensino aprendizagem. Fundamentalmente, a história de vida é uma “técnica interativa e cooperativa” envolvendo diretamente a pesquisadora.

Para Oliveira (2003, p.374), a história de vida é a “construção de processos pessoais individuais e coletivos de formação do professor, trazendo para o cenário de formação continuada os saberes sobre a docência, a escola, a sala de aula, o professor, a avaliação, enfim, sobre as questões pedagógicas e sociais da profissão”.

Poirier (1995, p.86-87) discute que a “história de vida pode constituir um instrumento essencial da pesquisa em ciências humanas. (...) Neste sentido, as histórias de vida são um método de familiarização do investigador com a situação que quer estudar”.

Outro recurso metodológico é o registro através de fotos, justamente porque resgata a imagem da história de vida, em que somos reportados àquele momento, logo se faz presente o processo de rememoração, e no caso deste trabalho à rememoração da escolaridade e infância desse profissional, onde viveu sua ludicidade, bem como o registrar as atividades lúdicas, realizadas pelos colaboradores, e a partir disso fazer a análise das vivências. Também analisar com os professores colaboradores que fizeram estas atividades lúdicas. Em outras palavras, a análise das imagens das fotos, assim como das filmagens serviram para análise não só das atividades lúdicas que propus, mas também para observar como os professores reagem àquelas vivências. Portanto, estas minhas aulas, em uma Instituição de Ensino Superior, tornaram-se meu “laboratório de ensino”¹, meu verdadeiro ambiente de pesquisa, por ser uma aula lúdica, esses meus sujeitos são professores e como eles estão reagindo ao trabalho. Permitindo rever este cenário, ou seja, estar atenta a evolução das minhas aulas lúdicas, logo este vem compreender o teor deste trabalho ser de cunho autoformativo.

Através das histórias de vida contadas oralmente e pelo recurso da fotografia, nos aproximamos de imagens reconstruídas no presente, a partir dos significados atribuídos às trajetórias vividas. Conhecemos os processos de formação, visitamos as paisagens, os comportamentos, os tempos vividos através dos sentidos trazidos ao momento de fala.

¹ **Laboratórios de ensino:** espaço que se caracteriza pela experimentação na formação de professores. Serve para que os docentes desenvolvam processos de aprendizagem e reflexão sobre novas experiências de ensinar e aprender. Acompanhado de pesquisas, é um espaço de produção de conhecimento, ampliando seu raio de ação para além dos limites, físicos da sua localização. Na formação de professores, interiorização de saberes e práticas pedagógicas. (CUNHA, M.). (CUNHA, M., ISAIA, S. 2003, p.369)

Falar de si, como uma intenção proposta por um pesquisador, de pesquisar em si, auxiliado por imagens fotográficas, transporta-nos a outros tempos, a outros espaços e a outras práticas discursivas significativas, permitindo que se compreenda o deslocamento de sentidos individuais e coletivos na sociedade. A oralidade traz a espontaneidade, a fotografia traz o detalhe, o cheiro, a cor, o som, acionados com o trabalho da memória que acaba, muitas vezes, precisando de fatos, acontecimentos, datas, até então "esquecidos". A história oral recupera a voz de quem viveu e o significado construído por quem relata, dando o direito do recorte daquilo que pensamos não ser interessante ficar escrito (porque a fala agora é transcrição) para outros leitores” (Oliveira, 2003. p.153-154).

As animações lúdicas – vivências lúdicas foram realizadas, em oficinas pedagógicas, digo nos laboratórios de ensino, entendidos como recursos de investigação, formação e autoformação, possibilitando a ressignificação das trajetórias dos professores envolvidos neste estudo, bem como da presente pesquisadora.

A memória é o reconstruir e não o que aconteceu, ela é importante quando eu narro, porque aos poucos posso me distanciar de mim mesmo e com este distanciamento tenho condições de refletir. E nesta pesquisa os professores colaboradores vão refletir sobre a escola que tiveram.

A metodologia da pesquisa ainda quer colocar em discussão a metodologia lúdico criativa, de autoria de Raimundo Dinello, por acreditar que ela é de fundamental importância no que tange a vivência lúdica, noutras palavras, a proposta desta metodologia proporciona um espaço da experimentação do sujeito que se dá pela vivência lúdica.

Para Vygotsky, o papel do professor é como proponente e participante da brincadeira, pois para ele a ludicidade é uma forma de interação e construção de conceitos, conseqüentemente de significações.

O ambiente de coleta dos dados do trabalho, diz respeito a disciplinas que a pesquisadora leciona em uma Instituição Universitária Particular, na cidade de Santa Maria.

Os colaboradores deste estudo são professores de três turmas dos Cursos de Formação de Professores da Instituição. São acadêmicos que já se encontram em situação de serviço em escolas da rede pública da região da cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul.

Deste grupo foram selecionadas cinco colaboradoras, nos quais permaneceram até o processo final da pesquisa duas. O motivo pelo qual tal fato veio ocorrer será detalhado no próximo capítulo em que situo minha aproximação com estas duas professoras colaboradoras.

Uma das estratégias de investigação é a história de vida, via oral de duas alunas professoras que já se encontram em situação de serviço em escola, portanto já são professoras atuantes em sala de aula. Mas os instrumentos metodológicos vão além do resgate da memória, estando voltados para as ações formativas de cunho lúdico.

Portanto o trabalho de pesquisa apresenta-se nestas duas perspectivas. As duas professoras foram responsáveis pela reconstrução de suas histórias de vida, mas o escopo de toda a investigação está baseado no trabalho realizado com as três turmas,

onde as disciplinas de Pedagogia do Lúdico e Expressão Lúdica foram trabalhadas. Penso que o que deu consistência à pesquisa foi justamente à prática educativa desenvolvida ao longo dessas disciplinas e os achados relativos as duas professoras colaboradoras complementaram o presente trabalho.

A proposta versa sobre o formar professores lúdicos em que a memória é um dos instrumentos. O fundamental é o fazer a vivência

da ludicidade. E a investigação narrativa² é interessante para o professor colaborador, explicar suas próprias vivências, mas se ele não vivenciar, como já tenho feito com eles, não vai adiantar nada.

Procurei seguir um trabalho em que seja formativo e autoformativo, em que a memória e a história de vida são um dos instrumentos contemplados, mas o instrumento mais importante se refere à vivência da ludicidade ao longo do processo formativo, por acreditar que este professor colaborador vai ter, possivelmente, pouco mais de conhecimento de quando ele chegar na escola e fizer alguma prática diferente.

“Fundamental nas entrefalas e nos entretextos é deixar a conversa fluir, dar todo o tempo necessário para que o professor ou professora possa ir em qualquer direção; além disso, o pesquisador deve deixar-se envolver pela narrativa, imergir nas histórias contadas e, ao mesmo tempo, permitir emergir o que é importante do ponto de vista do autor/ator principal - o professor. (...) Daí a importância de o pesquisador registrar a atmosfera afetiva que envolve as entrefalas e os entretextos, os não-ditos que estão presentes no gesto, no olhar, na entoação e no corpo, pois tudo isto é parte integrante do sentido do diálogo” (Kramer, 1996, p. 27-28-29).

² Investigação Narrativa: estudo da forma como as pessoas e, no caso especial, os professores e demais atores da cena educativa, experimentam o mundo, reconstruindo-o, através dos fios da memória. A complexidade dessa investigação encontra-se em que uma mesma pessoa está simultaneamente ocupada em viver, explicar, reexplicar e reviver sua história. Vida e narrativa são momentos que se interpenetram no fluxo da existência ao dar sentido a ela e reconstruí-la, narrando-a. A investigação narrativa estrutura tanto a experiência que será estudada quanto os padrões de investigação de que se utiliza para seu estudo. Tal procedimento compreende, não só como os atores relatam suas vidas (pessoal e profissional), mas também como os pesquisadores narram esses relatos. As duas narrativas, a do participante e a do pesquisador, convertem-se em uma construção, reconstrução narrativa compartilhada. No caso específico dos professores, na medida em que têm voz e vez, podem tomar distância de suas vidas profissionais, convertendo-as em objeto de auto-reflexão, o que lhes permite ressignificá-las e transformá-las. (CONNELLY; LANDINI, 1995; HUBERMAN, 1998; MC EWAN, 1998). (ISAIA, S. 2003, p.375)

O destaque dado as narrativas orais e a fotografia nessa investigação é por acreditar que são instrumentos de formação e autoformação dos sujeitos.

E como nos diz Kramer (1996, p.40), “a palavra dos professores, o seu depoimento não são exemplo ou ilustração de uma idéia, mas a sua concretização”.

(...) O trabalho com estas duas ferramentas: a oralidade e a fotografia proporcionam uma complementaridade na leitura, na escuta e na compreensão de imagens que compõem uma mesma realidade, ou melhor, realidades, pois vistas de ângulos diferentes, mas, complementares. Nossas pesquisas têm se utilizado da história oral com duplo propósito: conhecer os imaginários, as culturas e os processos de formação docente, a partir das suas trajetórias de vida pessoal e profissional e, ainda, colocar o professor como sujeito histórico, de uma história cotidiana que não é contada, de um sujeito anônimo que trabalha com diferentes gerações, que vive momentos históricos com demandas políticas diferenciadas e para o qual não se dá a voz. A dimensão da oralidade (contar-se para o outro) aciona com dispositivos de formação e autoformação, mais ainda, com processos de produção de identidades, dando visibilidade a grupos que na abordagem da história cultural passam a ser vistos como construtores de sentidos e significados sobre fatos, situações e experiências do mundo vivido (Oliveira, 2003. p. 152-153).

Também é fundamental neste momento destacar conforme Oliveira (2003, p.167), que “uma fotografia sem legenda, títulos ou depoimento oral é um meio que produz informação e que pode ser usada enquanto dado para projetos de pesquisa, desde que, naturalmente, esteja inserido dentro do contexto e do objetivo dessa

pesquisa. Porém, quando se consegue extrair de um depoente um relato que é despertado por uma imagem fotográfica e, portanto, tem-se então mais um dado informativo, há um material completo que engrandece os caminhos e os resultados de um trabalho científico, tornando-o cheio de novas informações”.

A metodologia da presente pesquisa aliou as vivências de ludicidade com as memórias atuais e passadas das professoras colaboradoras, mostrando a construção de uma pedagogia da expressão, num espaço acadêmico, isto é, em uma Instituição de ensino Superior da cidade de Santa Maria.

Investigamos, portanto, as trajetórias de vida de duas professoras com a ludicidade, trajetórias e experiências entendidas a partir de uma nova concepção de lúdico que pretende superar um referencial ultrapassado. Concepção de lúdico, condensando teorias de um passado, de um presente e de um futuro, justamente por entende-se que somente assim poderá se abrir uma possibilidade de transformação.

3. DE MÃOS DADAS...NOSSOS LAÇOS A APROXIMAÇÃO COM AS COLABORADORAS DA PESQUISA

3.1 Professoras colaboradoras da pesquisa...

Os primeiros registros para esta pesquisa foram às fotografias, filmagens, avaliações da disciplina, como trabalhos avaliativos teóricos e auto-avaliações, de todos os alunos das turmas em que ministrei as aulas das disciplinas “Pedagogia do Lúdico” e “Expressão Lúdica”, que deram origem a um dos subcapítulos da dissertação, intitulado “Redimensionando os dizeres e saberes do ofício docente: o que a ludicidade tem a ver com isso?!” Nele estão várias falas e escritas selecionadas também para um artigo que depois transformou-se em capítulo de um livro lançado pela Instituição em que trabalho.

Esta foi à alternativa que encontrei para valorizar e homenagear todos os meus alunos que de uma forma ou de outra foram responsáveis pela origem de minha pesquisa.

Como já foi descrito no capítulo anterior as colaboradoras foram selecionadas nas duas disciplinas mencionadas acima em uma Instituição de Ensino Universitário Particular, na cidade de Santa Maria – RS. Das turmas deste Curso de Formação de Professores, cinco pessoas se prontificaram em tornar-se colaboradores da investigação mais detalhada, nos quais permaneceram até o processo final da pesquisa duas.

Digo que se prontificaram porque a pesquisadora explicou em suas turmas que estava fazendo mestrado e, portanto o trabalho que pretendia desenvolver envolveria justamente as suas aulas, sendo elas seu “laboratório de ensino” e conseqüentemente de pesquisa. Para tanto precisava de no máximo cinco pessoas voluntárias para participar mais efetivamente do processo investigativo.

Penso ser relevante destacar o motivo pelo qual das cinco colaboradoras apenas duas continuaram até final. Elas finalizaram seus estudos na cidade de Santa Maria e, portanto não tiveram mais disponibilidade em participar do trabalho. Inicialmente a pesquisadora foi até a cidade de cada uma delas, mas tornou-se inviável, muito em função da falta de comprometimento das pessoas, até então envolvidas na investigação.

Minha aproximação das duas professoras que permaneceram no trabalho de campo, Carmelinda e Suzana, foi no ano de 2002 desde que as disciplinas Pedagogia do Lúdico e na seqüência Expressão Lúdica, iniciaram.

As entrevistas fechadas e semi-estruturadas, a análise das fotografias e finalizando o registro biográfico, foram os instrumentos investigativos utilizados com Carmelinda e Suzana. Cabe ainda salientar que dentro dos instrumentos fechados encontram-se as avaliações da disciplina, como trabalhos avaliativos teóricos e auto-avaliações, já comentados no início deste subcapítulo.

3.2 Instituição de Ensino Superior (Cursos de Formação de Professores)...

...Que esteja preocupada em formar professores não apenas com uma visão de hábitos de higiene, do cuidar de crianças, e sim em desenvolver as crianças.

Uma das preocupações da Instituição em seus Cursos de Formação de Professores tem que estar voltada para uma base no viver e descobrir o prazer de estar no mundo e, para isso é necessário que os professores sejam formados com uma visão da criança como aquela que tem direito as “suas infâncias”, que possa brincar, correr, pular, descobrir, organizar e tantas outras atividades que apenas são possíveis numa escola de educação infantil comprometida com as implicações do cuidar-educar, próprias de uma escola com professores qualificados e preparados para tal atendimento.

Tendo em vista a importância da educação infantil no contexto da educação básica, é preciso reafirmar que a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, adotada pelos países membros em Jomtien em 1990, propôs uma visão mais ampla da educação básica, defendendo seu início a partir do nascimento e não com o ingresso no ensino fundamental como considerado tradicionalmente. No Brasil, a educação infantil passa a ser considerada como a primeira etapa da educação básica, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996.

Em sintonia com estas questões de cunho burocrático-legais se têm algumas descobertas em que a ciência tem demonstrado que

experiências de qualidade durante os primeiros seis anos de vida são cruciais para o desenvolvimento das competências e habilidades emocionais, cognitivas e sociais futuras. É neste período que a criança aprende, com mais intensidade, a aprender, a fazer, a se relacionar e a ser, e constrói importantes valores a partir de suas relações na família, na escola e na comunidade.

É necessário destacar que a educação infantil é uma das políticas mais importantes para o desenvolvimento humano e social, constituindo-se também em uma poderosa estratégia no combate à pobreza e à exclusão social.

Portanto esta pesquisa vem em defesa veemente de uma proposta de trabalho com professores que privilegia a ludicidade e como consequência à criatividade, a imaginação e a fantasia como eixos considerados transformadores.

4 HISTÓRIAS DE PROFESSORAS ... AS NOSSAS

Começaremos pela minha história, que intitulei:

“História de Vida³: grandes significações traçadas em uma linha de tempo.”

No momento em que me propus a realizar um trabalho em que o método biográfico, História de vida, foi o escolhido, senti que minha própria história deveria ser escrita. Posso dizer com firmeza que surtiu em minha pessoa uma curiosidade muito aguçada, levando-me a querer imediatamente, lembrar de fatos de minha infância escolar e familiar. A partir dessa proposição procurei voltar-me a estas lembranças e percebi o quanto foi importante reportar-me a esta memória, em função de que foi possível ver o quanto minha escolha profissional está relacionada às experiências escolares e familiares.

Para ser o mais fidedigna possível aos fatos desta história, uma alternativa que encontrei foi procurar em álbuns de fotografia aqueles momentos que poderiam ter sido registrados e que contassem um pouco desta trajetória. Também fui procurar meus boletins, cadernos, cartilhas, livros, que sabia que estavam guardados. Com estes elementos concretos em mãos, junto às lembranças de minha memória, remontei o cenário de uma infância e adolescência, que

³ História de Vida: construção de processos pessoais individuais e coletivos de formação do professor, trazendo para o cenário de formação continuada os saberes sobre a docência, a escola, a sala de aula, o professor, a avaliação, enfim, sobre as questões pedagógicas e sociais da profissão. (OLIVEIRA, V. 2003, p.374).

posso afirmar repleta de felicidade, afinal sempre adorei freqüentar o colégio.

Ao se fazer uma retrospectiva a respeito de minha trajetória de vida, desde o primeiro momento em que comecei a freqüentar ambientes escolarizados, observando atentamente aspectos considerados relevantes, foi possível averiguar a importância de se ter efetivado esta reconstrução, isto porque posso dizer que foi uma experiência inovadora, e, portanto, significativa.

No decorrer de todo o processo de operacionalização dessa minha caminhada na área da educação, construiu-se novos conhecimentos e se ampliou os que já estavam formados em relação a uma série de idéias importantes para a minha atuação profissional, como educador, o que é merecedor de encômios.

Sem ser palavreira, sempre procurei com minha participação constante, por intermédio de opiniões, críticas, sugestões, interesse e disponibilidade, colaborar de forma a obter resultados positivos nesta minha jornada.

Levando-se em consideração tais assertivas supracitadas, acredito firmemente que foi aplicada com justeza esta dinâmica por mim adotada nestes oito anos efetivos de carreira após a graduação.

Tomo como ponto de partida para descrever esta história de vida, a minha escolha inicial por um curso na área educacional, realizando assim uma busca gradual, em minha memória, de meus primeiros anos de escolarização quando criança.

Ao se fazer uma apreciação dessa minha caminhada, é possível resgatar o início, onde tudo começou.

Preferi realizar, o que chamei de "viagem regressiva", no sentido de partir de fatos mais próximos do presente, para depois retomar um passando mais longínquo, ligado a minha infância e adolescência.

Esta regressão é como um retorno ao passado, mas que parte dos fatos mais próximos, parte do momento presente. É uma história que tem uma previsão de futuro, um presente marcante e um passado repleto de significados. Vou tomá-la como sendo uma linha de vida que foi traçada de um futuro, passando por um presente e chegando a um passado. A forma que encontrei de relatar minha história de vida foi esta, por acreditar que ao partir do que pode vir acontecer e do que está acontecendo, está fortemente relacionado com que já aconteceu. Metaforicamente falando, é como se fosse um interjogo que se passa entre estes três momentos de nossas vidas: um futuro, um presente e um passado.

Desta forma vou a tão aclamada, história de vida...



Atualmente, trabalho como psicopedagoga em uma clínica na cidade de Santa Maria, leciono em Universidades em Cursos de Pedagogia, nível de graduação e Especialização na cidade de Santa Maria e outro Curso de Especialização em Psicopedagogia, em Santo Ângelo. Ministro Cursos junto a OMEP/SM e também faço parte do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado da UFSM, como aluna.

Tentando buscar a história anterior ao curso de graduação, posso contar que já trabalhava, no ano de 1990, com crianças em uma creche, chamada Brotoeja, na cidade de Santa Maria. Minha função era de recreacionista, pois recebia o planejamento pronto da

pedagoga responsável por esta instituição. Tinha uma turma, no turno da manhã, com dose crianças de três e quatro anos de idade.

Mas como fui parar nesta creche? Como havia terminado o 2º Grau, feito um vestibular para a área da saúde, não sendo aprovada, o próximo ano seria inteiro de cursinho pré-vestibular, não queria ficar sem uma atividade produtiva e diferente da de estudar. Queria algo mais, um desafio. Então, surgiu um convite por parte da dona da creche, que havia sido aluna de meu pai no curso de medicina da UFSM, quando estávamos de férias na praia. Ao comentar com esta pessoa que tinha uma grande afinidade com crianças e tal fato, ela pode observar às diversas vezes que brinquei com suas filhas, veio o convite.

Assim, no mesmo ano, em março, iniciei este trabalho, apesar de meu pai não ter concordado com minha iniciativa, por achar que deveria me dedicar somente aos estudos.

Como sou uma pessoa com personalidade marcante e determinada, dificilmente tomo decisões partindo da influência de terceiros, como foi o caso da tentativa de meu pai fazer com que mudasse de idéia; aceitei igualmente o convite.

Já minha mãe, posso dizer o contrário, pois me apoiou desde o princípio.

Mas, aos poucos meu pai se acostumou com a minha escolha, me parabenizando por esta atitude e até demonstrou-se entusiasmado ao afirmar que seria uma experiência de vida.

Na creche fiquei até outubro do mesmo ano, pois tive que parar de trabalhar para me dedicar mais aos estudos, em função do vestibular.

Aqui inicia a minha história na área da educação, porque a partir desta vivência é que defini meu futuro como profissional da educação – ser professora.

Prestei vestibular para Pedagogia Habilitação Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau e Magistério para Educação Pré-Escolar na UFSM, passando em primeira turma e ainda como segunda colocada.

Cursei a graduação e me apaixonei pelo curso, e no quinto semestre, posso dizer que foi o ápice, pois iniciaram as disciplinas específicas.

Durante este percurso procurei me engajar em projetos, que foram de grande valia. Realmente estava no caminho certo, havia escolhido a profissão ideal.

Nos dois últimos anos da graduação trabalhei na creche da Universidade – Ipê Amarelo, sendo outra vivência significativa, reafirmando meus ideais educacionais.

Fazendo um parênteses, nesta altura agradecia por não ter passado naquele primeiro vestibular, pois não teria feito a descoberta de que o que desejava era uma profissão relacionada a educação e não a área da saúde, como acreditava em princípio.

Quando prestei meu primeiro vestibular para odontologia, tinha a idéia fixa de que queria ser odontopediatra, por gostar e ter grande afinidade com crianças. Um outro fator que contribuiu foi que

minha melhor amiga faria vestibular também para odontologia, na verdade eu não sabia ao certo o que escolheria, como minha amiga tinha convicção da odontologia resolvi que faria o mesmo para ficarmos juntas.

Uma outra certeza, desta época, de que estava no caminho certo, é que quando criança adorava ir ao dentista, assim como achava meu dentista o máximo. De fato ele fazia um trabalho tão maravilhoso que conquistava seus pacientes de tal forma que eu identifiquei-me com esta profissão. Posso dizer que ele marcou momentos em minha infância tanto como pessoa como profissional.

Inclusive uma das minhas brincadeiras preferidas era o brincar de dentista, colocava um(a) boneco(a) em uma cadeira, tinha uma geladeirinha com aparelhos de unha que representavam o material dentário de um consultório, assim como utilizava farinha com água, sendo a massa para colocar no dente do(a) boneco(a). Brincava assim, tanto quando estava sozinha como quando esta minha amiga que citei acima me visitava em minha casa.

No entanto, o futuro me reservou a descoberta de que meu negócio não era arrancar dente de crianças e sim ensiná-las e poder aprender com elas. Fechando este parênteses, e voltando aos fatos ligados a graduação, no mês de novembro do ano de 1994, ano anterior a data da formatura, que seria em 13 de janeiro de 1995, resolvi visitar o Colégio Marista Santa Maria e conversar com a coordenadora, do chamado Setor 1, responsável pela pré-escola e o currículo desta Instituição Escolar.

Esta pessoa já era minha conhecida, e inclusive quando iniciei o curso de graduação, ofereceu-me um emprego neste Colégio como auxiliar de professora, porém, não aceitei por preferir me dedicar inteiramente aos estudos universitários.

Mas, garanti que ao terminá-lo iria entrar em contato. E foi o que acabei fazendo, ao final da graduação.

E no ano seguinte, 1995, iniciei como professora efetiva de uma classe de maternal (3 e 4 anos de idade) e aí permaneci até 1997, pois no ano seguinte, 1998, fui transferida para a classe de jardim “A” (4 e 5 anos de idade), em função de uma proposta do Colégio, envolvendo um rodízio entre todas as professoras da Educação Infantil. Ambas as experiências foram gratificantes.

Agora sim, gostaria de passar aqueles fatos relacionados com meu passado mais longínquo. Pensando em como poderia traçar minha história de vida ligada mais diretamente a meu passado, remontei-a ao refletir a respeito daqueles elementos concretos que busquei reunir, bem como pesquisar com meus familiares, amigos e ex-colegas, fatos esquecidos, ressignificando-os.

Prosseguiria com mais algum relato relacionado com o 2º Grau, falando que fui bem relapsa, não queria muito compromisso com a escola, estava mais interessada em namorar, sair, etc. O que realmente gostava nesta época no colégio era do recreio e de praticar esportes. Falando em esporte sempre participei das escolinhas com muito entusiasmo e não conseguia entender aqueles que não suportavam freqüentar as aulas de educação física, por ser uma obrigação e não por prazer como eu. Sempre estava nos campeonatos

e meu esporte predileto era o vôlei. Cheguei a estar entre as meninas da rítmica, mas gostava mesmo de um esporte de equipe e mais ousado, com desafios e platéia assistindo e torcendo.

O praticar esportes também tem a ver com questões familiares, pois cresci num meio em que os cuidados com a saúde eram prioridade. Meu pai jogava futebol, praticava Karatê, fazia musculação. Já minha mãe, fazia ginástica local. Eu também, desde 10 anos freqüentava academia e ainda hoje dou continuidade a práticas desportivas. Minha família considera o esporte como importante para nossa saúde tanto física quanto mental, ela é tida como prevenção de uma série de problemas, sejam de ordem fisiológica como emocional.

Daqueles professores do 2º Grau, que ainda guardo o nome são: Haidê Neves (técnicas domésticas), Antônio e Norminha (língua portuguesa e literatura brasileira), César e Dippe (física), João Rodolfo (história), Catarina e Lélío (matemática), César e Getúlio (química), Suzana (língua inglesa), Jane (geografia), Ana Maria (ciências físicas e biológicas), ...(educação artística), Marta (educação física), ...(ensino religioso), Valeska (filosofia), ...(introdução às técnicas adm.), ...(orientação educacional).

Defendia-me na tal da matemática, porém a física foi uma disciplina que me importunou, tirei notas baixas, mas resolvi dar a volta por cima, justamente para mostrar a princípio ao professor, que era capaz, no entanto acabei descobrindo que queria era provar a mim mesma sobre essa capacidade.

Um fato interessante e que deixou cicatrizes, foi que fui da pré-escola até a 1ª série do 2º Grau com a mesma turma. Para minha surpresa e até hoje ainda não sei o motivo, fui colocada junto à turma de alunos novos, portanto, literalmente fiquei separada daquela turma na qual passei toda minha vida escolar. No início houve resistência por minha parte e de meus colegas de sala. Não compreendíamos o porquê daquela troca. Recorri a várias pessoas dentro do Colégio, no entanto, não obtive explicações ou argumentos sólidos. O jeito foi se conformar com a situação. Aliás, não chamaria de conformismo e sim adaptação ao novo, pois sempre fui uma pessoa flexível, me adapto muito rápido a situações novas. Assim me convenci de que seria uma experiência diferente e que proporcionaria um crescimento e conseqüente amadurecimento, e de fato foi o que aconteceu. Foi uma vivência muito positiva e que certamente também contribuiu para que hoje eu seja uma pessoa independente, responsável e conseqüentemente aberta a novos desafios.

Ainda gostaria de salientar que no 2º Grau passamos por um período de transição de linha pedagógica, isto é, passaram a implantar um novo processo de ensino chamado Educação Libertadora. Ouvíamos falar muito sobre esta nova pedagogia adotada pelo Colégio. Mas também recorro que foi muito difícil, no sentido da resistência, inclusive por parte dos próprios professores, da comunidade escolar como um todo: funcionários, alunos, pais. Mas como toda a transição, fazem parte os medos, as ansiedades de enfrentar um novo desafio, sair do estabelecido. Mas penso que foi

uma experiência de reflexão, amadurecimento, de descobertas, enfim de crescimento para toda a comunidade escolar.

Na 4ª série iniciou-se o processo que envolvia vários professores, os de área, alguns lembro, outros não. Dentre eles, posso citar aqueles que de alguma forma deixaram suas marcas, um rastro em minha vida escolar, do contrário não os teria guardado todo esse tempo em minha memória. Alguns, embora não saiba o nome, recordo-me da fisionomia, ou cheiro, ou algum gesto.

Quanto a nomes tenho presente em minha lembrança, a Nisel (profa. do coral), a Ivete (história e educação moral e cívica), Carmem (ciências físicas e biológicas), Vera (língua portuguesa), ...(geografia), Sônia (matemática), Mara, Marinha e Graziela, ... (educação física), Morales (música), ...(educação artística), Tamara (língua inglesa), ...(ensino religioso), ...(tecnologia).

Gostava de português, história, geografia, ciências, porém a matemática nunca foi meu forte. Até a 8ª série sempre fui bem, tinha conceitos altos. Minhas verdadeiras paixões eram as ciências e a geografia.

Das séries primárias uma lembrança forte foi quando estava na 1ª série e a orientadora educacional, que não sei o nome, chamou cada aluno da sala para ler em voz alta um texto que tinha como propósito verificar o nível de leitura adequado para o ingresso na 2ª série. Vejo-me sentada naquela cadeira, atrás daquela mesa. Eram móveis escuros e a sala o pé direito muito alto, que tinha um cheiro de sala fechada misturado com o odor da sala dos professores, o cafezinho que tomavam em copo martelinho.

No momento, alguns nomes vêm em minha mente como o da professora Clara (1ª série), Rosa (2ª série) e Maria José (3ª série) foi uma delas, pois houve troca de professor num mesmo ano, sei que foram três, não lembro do nome dos outros dois, a tia Fausta (inglês) foi outra pessoa que teve presença muito marcante.

Tinha verdadeira paixão por minhas professoras da 1ª e 2ª séries, não sei bem o porquê, mais me parece que aquele sorriso delas inspirava confiança, tranqüilidade e paciência, conquistavam seus alunos.

Também freqüentei a Pré-Escola, o Maternal, o Jardim e o Pré. No Maternal minha professora chamava-se Julieta, no Jardim não sei e no Pré Maria de Lourdes. Gostei muito deste período da Pré-Escola. Uma lembrança muito presente foi que saí lendo e escrevendo várias palavras, como: ovo, uva, vovó, vovô, Ivo, viu, etc. Também me recordo daqueles exercícios de preencher linhas para aprender o traçado das letras, e eu adorava. A pracinha ainda reconheço seu espaço e brinquedos; as salas de aula vem a memória o cheiro, o mobiliário, o tamanho do espaço de cada uma delas, a localização; os banheiros também.

Ainda gostaria de salientar alguns aspectos mais gerais referentes a todo este período de vida centenarista e da vida familiar.

Um fato que sempre julguei curioso no Centenário é que as turmas eram identificadas por cores e não por números como em outras escolas da cidade. Gostava de estudar num colégio que tinha certas diferenças dos demais.

Recordo-me muitíssimo bem do espaço físico de todo o Colégio, passando em minha memória como se fosse um filme.

Quanto a meus colegas, me recordo de todos, no entanto, não os de cada série. Claro que tem aqueles que pertenceram à chamada panela, esses a gente nunca esquece. Ou aqueles que não gostava.

Os funcionários são outros personagens o qual lembro-me das fisionomias. Dentre as direções que por lá passaram recordo a da dona Herta e da professora Leonina.

Outras pessoas que me vem neste momento são a Beth, que em uma época foi vice-diretora e a professora Neuza Castanho.

Uma das minhas características durante toda a minha vida escolar foi ter sido uma aluna que tirava notas altas, e ficava furiosa comigo mesma quando raramente fugia a esta regra, a não ser no 2º Grau, época de rebeldias.

Uma experiência que gostei muito foi ter sido membro integrante do Coral do Colégio durante um bom período de minha vida centenarista. Os ensaios, as apresentações no Colégio e em outros locais, o uniforme, enfim todos os preparativos.

Foi tão marcante esta vivência que até hoje aprecio o escutar música e cantar. Não escutar por escutar, isto eu aprendi muito bem o valor da música em nossas vidas. Para mim a música é algo indispensável para se ter qualidade de vida. Na minha, ela está constantemente presente, em minha casa, no meu trabalho, no lazer.

Aqui também entram questões familiares, porque minha mãe é musicista, logo instrumentos, discos de vinil, rádio, sempre se fizeram

presentes nos diversos momentos e situações familiares. Na família de minha mãe, quem não toca um instrumento, canta.

Meu pai também tocou violão numa fase de sua vida.

O uso do uniforme escolar era outra coisa que gostava no Colégio, inclusive chegava o fim de semana e quem disse que eu queria tirá-lo. Talvez fosse a forma que tinha em demonstrar o quanto gostava de ir ao Colégio, essa ligação sempre foi muito forte.

Um aspecto que me dei conta, é que minha letra durante o 1º Grau era muito miúda e depois foi aumentando de tamanho, hoje considero uma letra grande, porém não é legível, pois sou considerada disgráfica. Este fato é algo que digamos que não me importei até a chegada do 2º Grau em que minha professora de português resolveu implicar com a letra, e inclusive baixar minha nota nas redações em função deste fator, como se tal atitude fosse ajudar-me, muito pelo contrário acabou gerando uma problemática, a chamada baixa auto-estima. Esta professora alimentou aquilo que naquele momento era meu fracasso escolar. Esta marca vou levar para sempre. Quando entregava as redações, já ficava com receio de pegar, pois sabia que sempre vinha uma observação oral por parte daquela professora. Chegou ao ponto, de levantar hipóteses de que eu iria rodar no vestibular por causa da minha letra, pois naquela época, tinha além da redação, as provas discursivas.

Não posso deixar de comentar sobre o entusiasmo que sempre tive ao ter que fazer a compra do material escolar, e ainda sinto o mesmo até hoje quando preciso comprar este tipo de material.

Assim como comentei sobre a brincadeira do consultório de dentista, outra brincadeira constantemente presente, era o brincar de ser professora, o dar aulas. Fosse sozinha ou com as amigas. Estavam presentes o quadro, o giz, o caderno, as cartilhas, as bonecas sentadas nas cadeiras atrás das mesas.

Até a 3ª série minha mãe estudava junto comigo e meu pai tomava a lição quando tinha testes ou provas. A partir da 4ª série estudava sozinha e a estratégia de estudo que utilizava era o dar aulas, com quadro e giz, falando em voz alta, pois descobri que tinha uma ótima memória auditiva. Mais tarde lá pela 7ª série mudei minha metodologia estimulando minha memória visual, pois estudava com caderno e lápis na mão e não mais falava em voz alta. Minha necessidade agora era outra, a de escrever.

Também é interessante destacar que cresci num meio intelectualizado, em que via meus pais lendo, comprando livros. A casa deles tem uma biblioteca considerável, com diversos autores nas prateleiras, coleções de romance, enciclopédias, dicionários, literatura infantil, revistas, jornais, gibis, artigos, logo não apenas livros técnicos da área de estudo de meus pais, e sim um variado cenário literário.

Quanto a reuniões de pais sempre minha mãe foi quem assumiu e respondia como responsável da família, por ser a pessoa mais disponível, isto porque deixou de trabalhar em 1974, quando minha irmã nasceu por ser prematura de cinco meses e meio.

Ela também era a pessoa que me levava e buscava no Colégio, pelo menos até eu começar a ir sozinha, lá pelos dez anos. Algumas

vezes meu pai levava de carro ou buscava. Mais no 1º e 2º Graus quando chovia, pois era muito ocupado em função de sua profissão, ser professor universitário e médico no curso de medicina da UFSM.

Falando em profissão dos familiares posso dizer que na família paterna a maioria é da área médica, da saúde, e da materna, como já mencionei eram musicistas. Meu tio, irmão de minha mãe, é professor do Estado, assim como sua esposa, mas nossa convivência foi e é pouca. Eles são os únicos da família que se dedicaram ao magistério.

Claro que meu pai e meu avô paterno também, porque o primeiro leciona em âmbito universitário, Curso de Medicina da UFSM e o segundo lecionou no Curso de Farmácia da UFSM, aliás, um dos fundadores deste Curso. Por sinal, meu pai é uma das poucas pessoas que conheço que sendo de uma área não específica da educação, estuda as teorias educacionais, autores da área da educação por considerar-se um educador e não simplesmente um professor de um curso de medicina, por pensar na necessidade de ter uma metodologia, uma didática frente aos alunos, independente da área que o sujeito leciona. Ele parte do princípio de que ao ser um professor é um educador comprometido com a cidadania das pessoas, com uma transformação social. Talvez pense assim por ter uma formação política, que ainda hoje se faz presente em sua vida.

Minha mãe também pode ser considerada professora, pois lecionava em um conservatório de música, dando aula para crianças e adultos, ao ensinar a tocar instrumentos com teclados, como piano, gaita e acordeon.

Um outro detalhe curioso é que sempre gostei de ajudar minha irmã nos temas do Colégio, mas muitas vezes fazia por ela e isto não foi nada bom para ela, pois até hoje ainda solicita que a auxiliem em seus trabalhos, mesmo já sendo uma estudante universitária. Faltou esclarecimento por parte de meus pais para que eu não agisse dessa forma. Acredito que em virtude de que a situação para eles era cômoda, em que não precisavam se envolver com atividades escolares, porque eu a auxiliava. Por um lado foi bom, no que tange a meu respeito, já para minha irmã nem tão bom assim, pois hoje têm restrições as questões escolares.

Partindo destas referências posso contar que iniciei minha vida escolar ainda muito cedo, pois antes de completar dois anos pedia a meus pais amiguinhos para brincar. Como havia uma escolinha/creche nesta época, chamada Curso Real, correspondente ao Maternal, fui matriculada com dois anos e fiquei apenas três meses: março, abril e maio. Meu pai comenta todo orgulhoso de que com essa idade eu já ia para a escolinha de Combi. Minha mãe comentou que em função de um dia a moça da Combi chegar na escolinha para me buscar e ver que passei a tarde toda molhada de xixi, pois foi o que eu havia dito a ela, porque eu não parava de chorar; meu pai achou melhor não ir mais a esta creche, resolvendo que durante aquele ano não iriam insistir que eu voltasse a freqüentar aquela ou outra creche.

No ano seguinte, com três anos, fui para a escolinha de artes da “tia Jeanine Mutti”, a Cirandinha, freqüentando todo o ano. Não tive qualquer receio em ficar.

Com quatro anos, minha mãe matriculou-me no Colégio Centenário na turma de Maternal da professora Julieta, adaptando-me muito bem, sem problemas.

Os próximos capítulos desta história vocês já conhecem...

...As contribuições e as descobertas com o GEPEIS

Com a convivência com o grupo do GEPEIS foi possível ver que foram construídos novos “olhares” tanto por parte da pesquisadora quanto das demais pessoas que fazem parte do grupo. Digo isto porque realmente se fizeram presentes diversos diálogos, e conseqüentemente trocas de experiências, portanto alguns paradigmas foram rompidos enquanto outros foram descobertos.

Dentre as contribuições por parte desta pesquisadora podem ser citadas a organização de atividades práticas de vivências lúdicas, o próprio processo desencadeado no que se refere à rememoração das pessoas do grupo, pois acabavam comentando sobre suas experiências lúdicas em sua infância e escolaridade. Portanto se fez presente à prática a partir das teorias estudadas no grupo.

Com a finalização destas linhas observo o quanto foi importante ter realizado a construção de minha profissão, concluindo que não se aprende a ser professor em um único lugar. Sinto que recuperei minhas vivências ao longo de minha vida através da história de vida, sendo possível rever minha ação atual em sala de aula nos Cursos Universitários, bem como minhas intervenções na área da psicopedagogia com as crianças e adolescentes em clínica.

Penso que é oportuno mostrar a você leitor alguns momentos lúdicos da infância da pesquisadora que vos fala selecionados com muito carinho no decorrer desse trabalho que aqui estou a registrar.

E como escrevi inicialmente neste capítulo fui procurar em álbuns de fotografia aqueles momentos registrados e que contam um pouco da minha história, mais especificamente da minha feliz infância “recheada” de ludicidade.

E das lembranças que quero neste momento retratar, deixo com vocês algumas fotografias que ilustram o período de ludicidade em minha infância.







Agora gostaria de apresentar a história da professora Carmelinda, e ela inicia assim:

A Infância

A lembrança mais remota é mais ou menos de 1946, época em que morava em nossa casa, um sobradinho de minha mãe, "o Elias", todas as noites eu dormia aconchegada em seu colo. Meu pai fazia grandes plantações e precisava de muitos homens para o trabalho. Na época a lavoura não era mecanizada. Lembro a hora da refeição, uma grande mesa, muita comida, feita por minha mãe. Ao redor pessoas rústicas, mal educadas, falavam alto, riam à mesa, derramavam alimento sobre a toalha. Minha mãe sempre silenciosa, bondosa suportava tudo calada, sem reclamações. Assim, eram todos os dias até a colheita.

Meu pai tinha uma loja, mas dedicava-se a agricultura e criação de animais. Criava cavalos de raça e participava de grandes carreiradas, lembro de lindos cavalos com capas bordadas. Meu pai um homem altino, cheio de brio mas jogou fora todos seus bens com corridas de cavalo, sua paixão esportiva e assim meus pais terminaram seus dias na maior humildade.

Aos cinco anos fui para a escola para ingressar na primeira série, a professora era carinhosa e acreditou em mim. Acho que ela me amava, talvez pela simpatia que tinha por nossa mãe; a pessoa mais maravilhosa que passou por este mundo. Da escola da minha infância, tenho algumas lembranças, a sala de aula sempre tudo igual, silenciosa, parecia mais uma casa abandonada que por quatro horas se enchia de vida com nossa presença. Eram crianças simples,

com poucas expectativas, mas os olhos de todos tinham muitos sonhos, percebia-se pelo brilho. Lembro de um aluno que sentava a meu lado, trocava a merenda com ele, dava-lhe um pacote de balas por três colheres de açúcar mascavo, pouco mais velho que eu. Éramos bons amigos.

Lembrando os dias de minha infância não consigo ver o sol, parece que os dias eram todos sombrios e cinzentos, só encontro o sol, no riacho, a um quilômetro de minha casa. Era lê que minha mãe lavava todas as roupas da família. Eu tinha seis anos, e a acompanhava sempre, lavava as roupas menores. Colocava no varal, minha mãe vinha e examinava, cheirava, se tinha cheiro de sabão, colocava no chão, na grama, para lavar mais uma vez, bater sobre a tábua para que ficassem bem limpas. Assim aprendi a lavar roupa. Em nossa residência não havia água, a mais próxima ficava a um quilômetro. Hoje resido na casa onde nasci, tenho água, luz e telefone, benefícios que faltaram à minha mãe.

De segunda a sábado eu tenha tarefas além da escola. Limpar o pátio, tratar, tratar os animais e ajudar nos afazeres domésticos. O pátio era enorme, incluía o pomar. Tenho certeza que eu não era feliz. Ia a missa, via as pessoas de minha idade com roupas e calçados lindos e sentia o desejo de tê-los.

Nunca passeava, a escola situada ao lado de nossa casa, impedindo que pudesse andar com meus colegas. Quando a noite chegava, lembro-me do cansaço; tão grande era, que dormia como uma pedra. Às vezes fazia xixi na cama. Não conseguia acordar. Brincávamos aos domingos à tarde, somente na natureza, casas

cobertas de flores, corríamos atrás das borboletas, aí me considerava a pessoa mais rica do mundo, porque brincava com o universo e com o infinito.

Ao iniciar a adolescência, as transformações do corpo, quanta vergonha quando começaram aparecer os seios. Eu era magricela, comprida e feia. Por que eu me achava feia? Nunca ninguém disse que eu era bonita, ninguém disse que me amava. Isto me fez falta; talvez por isto eu seja tímida e triste.

Lembro meus pais com orgulho. Meu pai um homem bonito, sério, forte, honesto; mas nunca brincou comigo. Acho até que me amava, do seu jeito, com aquele amor que fica guardado, escondido dentro do peito, no lado esquerdo. Depois dos setenta anos eu o vi brincar, contar histórias e cantar cantigas de roda e ninar. Ensinou-as a meus filhos. Até a Monalisa lembra dele. Ela não tinha quatro anos quando ele nos deixou.

Minha infância foi diferente das outras crianças, talvez algumas tenham sido como eu, com tristeza, mas não a maioria. A 3ª série do Ensino Fundamental foi num internato de freiras. Lá foi um “Deus nos acuda” só fiquei um ano, não tenho nem uma lembrança feliz desta época. A 4ª série cursei no Bairro Limeira de nosso município a dez quilômetros da minha casa. Aí fiquei morando durante a semana na casa de uma tia, ela era bondosa, fez até um vestido novo para mim, mas era ranzinza, já velha, daquelas que se chateiam até se você toma água.

Uma coisa que me chama atenção, é que nunca tive sapatos, nem meias, quando era pequena, apenas sandálias. Interessante, acho

que não sentia frio, o que me leva a crer que Deus dá o frio conforme a roupa. Só usei meias muito pequena, antes de caminhar. Está na única foto que tenho de criança.

No relacionamento com minha família há pouco a contar, sei que conversava pouco com uma irmã, dois anos mais velha que eu e era mais amigos de um irmão bem mais novo que eu, éramos grandes amigos, mas este me enganou. Hoje somos quase inimigos, nem nos olhamos. Fico triste com a situação, mas não há nada a fazer, sou sensível e me magôo facilmente. Esqueci de falar que sou de uma família de dez filhos, dois estão mortos, o Nino de um acidente, Jorge, o anjo de nossa família com síndrome de Dawn; a pessoa mais especial que conheci, dele só tenho lembranças de carinho, depois de seu nascimento minha mãe viveu em função dele. Cobria-o de atenções e amor, isto é, todos nós. Todos os que o conheceram o amaram.

Esta é a história de uma menina comum, que cresceu, estudou, teve amor, casou-se e teve três filhos maravilhosos que são seu orgulho. Coursou a universidade de 2000 a 2003, realizando um sonho bastante antigo e que pretende continuar estudando. Só que...cada vez mais triste.

O Lúdico na vida adulta



“Carmelinda numa dramatização, interpretando ‘Chapeuzinho Vermelho’ ao conversar com o lobo, 1988.” (Peça de Teatro: Chapeuzinho Vermelho)

Brincar é importante, não importa a idade, o jogo é uma necessidade do ser humano. As brincadeiras acontecem em determinados momentos do cotidiano da vida do indivíduo, não importa se ele é criança, jovem, adulto ou idoso.



Observando a turma da terceira idade, me chamou a atenção, a alegria, a descontração e a felicidade que sentem ao brincar. Não vêem a hora que chegue o dia dos encontros para se divertirem e

abandonar as preocupações através das brincadeiras lúdicas e jogos que realizam.



“Cultivo de flores no jardim da Escola, em uma turma de 8ª série, na disciplina de Ensino Religioso”

Acredito que nem um adulto tenha sepultado as lembranças da infância, elas ainda mexem com as fantasias. Dessa maneira fica evidente a necessidade de brincar, realizar atividades lúdicas e jogos. Os jogos e brincadeiras proporcionam movimentos e sensações, e convidam o corpo e a mente a entrar em contato consigo mesmo, com

a distância e com o outro, num espaço co-habitato. Essas sensações e experiências vão reconstruindo nossa memória afetiva e é o elemento de apoio à nossa personalidade.



“Carmelinda orientando uma turma de alunos num trabalho prático, em horário extra, no laboratório dos queijos”

Os jogos e brincadeiras favorecem a socialização, a alegria, o desafio e descobertas, permitindo que o ser humano se expresse, seja autêntico e não tenha medo de errar.



“Carmelinda, professora de uma 2ª série, 1996 envolvidos na elaboração de painel”



O brincar cria um ambiente de liberdade que assegura a integração de todos, expressa criatividade, conhecimento e prazer. É brincando que nós adultos expressamos sentimentos e emoções, libertamo-nos de nossos medos, são momentos lindos e mágicos que amenizam o estresse provocado por exigências ambiciosas. Tenho certeza que a brincadeira, o lúdico resgatam a nossa infância e dão acesso ao mundo mágico; onde a criatividade e o afeto têm prioridade.

Há brinquedos que são universalmente aceitos, não importa muito o material de que são feitos, o tamanho ou mesmo a idade e o sexo do indivíduo, como por exemplo, a bola. Brincar é realmente uma das coisas mais importantes da vida, de tal forma que a privação de brincar pode tornar a pessoa infeliz, desajustada, perdendo o significado de viver.

Há muitas formas de brincar, desde as brincadeiras do bebê com seu próprio corpo até objetos sofisticados, junto a companheiros ou individualmente.

No mundo do faz-de-conta é possível destruir o que incomoda, sejam pessoas ou situações.



“Carmelinda, professora de uma 2ª série na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Rubin Filho”

Ludicidade é uma necessidade inerente nossa, da criança e do adulto, necessidade de fazer novas representações. Muitos jogos foram transmitidos de forma oral, de uma geração a outra, aconteceram e acontecem de forma espontânea nas ruas, parques, recreios e outros espaços, eles correm o risco de desaparecerem se não forem resgatados. Transmitir estas brincadeiras de uma geração para outra é uma forma de descobrir o novo no antigo. O brincar é um aspecto fundamental para se chegar ao desenvolvimento integral.



Passamos então para mais um dos episódios, o da história de vida de Suzana, e ela começa narrando...



“Esta é uma das turmas que Suzana frequentou, em que sua tia era a sua professora.”

Nasci no dia 12 de setembro de 1963, segundo a minha mãe, e chovia muito e meu pai, cedo de jipe, buscou a parteira que, carinhosamente, era chamada de vó Preta.

Lembro que tive uma infância feliz. Fazíamos, minha irmã e eu, viagens de faz-de-conta carregando um banco (ônibus), uma sacola com roupas da nossa mãe e das bonecas e frascos de perfumes.

Às vezes a irmã menor era filha e, mais tarde, o nenê era meu irmão, o último dos quatro filhos.

Com seis anos e meio comecei a freqüentar a escola Municipal Joaquim Nabuco, próxima a minha casa, na zona rural, cuja professora era a minha tia Eny. Na escola brincávamos de pega-pega, ovo choco, cantigas de roda, caçador; tanto com a professora como sozinhos no recreio, sob seus olhos vigilantes e estudávamos bastante. Eu era muito aplicada.

Em casa, à tardinha, entre um chimarrão e outro, meu pai brincava de esconde-esconde e minha mãe fazia roupinhas de boneca para nós. Deve ser por isso que eu ainda gosto de fazer roupinhas para as bonecas das meninas da Educação Infantil e fazia para minha filha e sobrinhas, quando eram pequenas.

Até a quarta série estudei nesta escola rural, sendo que a professora atendia as quatro séries iniciais ao mesmo tempo.



“Esta é uma imagem de Suzana aos 15 anos!!!!”

Em março de 1974, fui estudar em Júlio de Castilhos, num internato dirigido por freiras. Lembro que levei minhas bonecas preferidas, pois afinal tinha só 10 anos e eu adorava-as.

Na oitava série comecei a participar de grupos de jovens e ajudar na catequese de crianças que faziam a 1ª Eucaristia.

Com estímulo da família e desejo próprio, após o Ensino Fundamental optei pelo Ensino Médio – Magistério, por gostar de crianças e crer que a educação é a base de uma sociedade justa e humana.



“Formatura do Magistério, em que 40 iniciaram o Curso, mas apenas 6 concluíram.”



“Suzana, a oradora de sua Turma do Magistério.”



“Missa na Igreja Matriz da Formatura do Magistério junto com o Curso Técnico de Contabilidade, 1977.”

Durante os três anos e meio do Curso procurei estar entre as crianças e quando faltava alguma professora da escola de aplicação, eu pedia para atendê-los. Assim, quando fiz o estágio, já possuía um mínimo de experiência da prática educativa. Nos recreios eu gostava ficar com os alunos para brincar com eles. Eles retribuíaam a minha atenção com cartões, flores e objetos, às vezes pego as escondidas de suas casas, pois eram crianças pobres.



“Março/1999 - Semana do Município: as crianças pintadas com balões embaixo da barraca.”

Em 1982 consegui contato para trabalhar na escola D. Pedro I, com sede no 5º distrito de Júlio de Castilhos, em Quevedos, hoje Município, já na 3ª administração.

Na época eu gostaria de ter feito o Curso de Educação Artística, mas não tinha condições financeiras, então no início de 1983, fui prestar vestibular na UNIJUÍ, para Técnicas Domésticas. Era um curso de férias e assim durante três anos eu viajava para Ijuí durante este período e lá ficava estudando, indo ao cinema, as boates sábado à noite.

Aos quatro dias do mês de janeiro de 1986 eu casei e alguns dias depois a minha formatura, em Licenciatura Curta.



“Um dos momentos lúdicos da vida de Suzana: seu casamento!”

Eu continuava trabalhando na mesma escola, porém nomeada pelo Estado com 20 horas semanais e no mês de junho nasceu minha filha. Três dias depois de tanta alegria meu pai faleceu. Eu estava ainda no hospital e não fui liberada para ir ao enterro. Restaram as boas lembranças e o sonho desfeito de conhecer a primeira neta.



“Março/1999 - Semana do Município: Suzana e as crianças à sombra de uma árvore da Cidade.”

Em 1988, março, nasceu o filho homem, também esperado e amado.

Meus filhos cresceram entre avós, tios, primos, amigos, tudo com muitos brinquedos, jogos, ou seja, o lúdico sempre esteve presente, assim como nas minhas aulas, por acreditar que socializava, que desenvolvia a criatividade, que seria melhor e mais fácil aprender desta forma.



“Maio/2001 – Apresentação (leitura dramatizada) ‘Mangueira de Pedra’, homenagem à data comemorativa do dia das mães, no CTG da Cidade.”

Sempre busquei idéias novas para levar meus alunos ao crescimento, principalmente na Educação Infantil, pois sei que coloco amor no que faço e não troco meus pequenos por outra série dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



“Agosto/1995 – Suzana brincando com as crianças, seus alunos da Educação Infantil, no pátio da escola com o brinquedo vai-vem que haviam confeccionado.”

Em junho de 2000 surgiu a oportunidade para fazer Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental na UNIFRA e, não pensei duas vezes. Estou concluindo o Curso com satisfação. Embora não fosse a graduação que eu desejava, muitas leituras auxiliaram na melhoria do meu trabalho com Educação Infantil e não sinto arrependimento pela minha decisão, pois obtive bases sólidas e certezas para a continuidade do que fazia e faço. Percebo que cresci como profissional de educação e que as leituras devem continua.



“Dezembro/1997 – Suzana e as crianças da Educação Infantil recebendo o Papai Noel, momento comemorativo do Fim de ano na escola.”

Gostaria de continuar estudando. Uma Pós em Psicopedagogia ou Educação Infantil, porém minha filha prestará vestibular para Educação Especial e Psicologia, e meu filho cursa Zootecnia, Ensino Médio, em São Vicente do Sul e os gastos são muitos. Um dia, quem sabe...?

Porém, além da educação formal, creio que a profissão do magistério exige formação continuada com cursos, seminários, muitas leituras e muito, muito amor. E isto continuarei fazendo.



“Dezembro/2001 – uma confraternização entre adultos e crianças da escola com um lanche coletivo.”

Entre as minhas leituras que estou fazendo, tenho lido bastante sobre o lúdico, pois creio no seu valor como ferramenta para uma aprendizagem prazerosa e mais eficiente, pois como diz Santos: "Criança brincando...nada mais sério."



“Dezembro/1998 – Comemoração final de ano com as festas Natalinas!”

E interessante perceber que crescemos e deixamos de jogar, brincar, correr e de fazer outras atividades que nos deixavam felizes.

Hoje, lembramos, em casa na maioria das vezes, dos jogos de mesa quando falta luz ou que a tv está no conserto, quando há crianças pequenas nos visitando. Parece-me que crescemos e esquecemos do prazer de viver com ludicidade ou de levar o prazer do lúdico até nosso dia-a-dia, mesmo cantando desafinado...



“Suzana em um dos seus momentos lúdicos de sua vida adulta:
Aniversário da 1ª Dama da Cidade, festa à fantasia só de mulheres, em que se veste de cartomante.”

4.1 Dando voz a atuação lúdica docente: Que história é essa?



Como já foi mencionado em outro momento, este trabalho quer contribuir para com uma prática pedagógica, que tem por base a história oral dos professores, voltada para a memória docente, no sentido de abordar a memória da escolaridade e infância desse profissional, onde viveu sua ludicidade e assim identificar a relação de seus saberes⁴, construídos durante suas trajetórias de vida, com seus

⁴ **Saberes Docentes:** conjunto de conhecimentos, habilidades, competência," e percepções que compõem a capacitação do sujeito para um tipo de atividade profissional. Na afirmação de Tardif (2000) são plurais e heterogêneos. constituídos processualmente na existência clãs pessoas. No caso dos professores, os saberes docentes são as matrizes para o entendimento das suas capacidades de ensinar e aprender. Para Oliveira (2003) são todos os saberes construídos pelos professores nos diferentes espaços de vida e de atuação. São os saberes acionados nos espaços cotidianos de trabalho, muitos deles construídos no próprio tempo / espaço de atuação do professor. Incluem os saberes experienciais, os saberes acadêmicos, os saberes profissionais, os saberes curriculares, os saberes disciplinares, entre outros, passíveis de sistematização, produtos das culturas docentes. (CUNHA, M.). (ISAIA, S. 2003, p.368)

Saberes Acadêmicos: construídos no espaço ele formação realizada em IES, onde construtor teóricos são estudados e debatidos na perspectiva ele subsidiar uma prática reflexiva entre os professores. Resultam de produções / pesquisas realizadas por pensadores que vêm trazendo contribuições para o campo educacional. (CUNHA, M.). (ISAIA, S. 2003, p.368)

Saberes Experienciais: construídos ao longo das trajetórias de vida pessoal e profissional dos professores, a partir de seus trabalhos cotidianos e validados pela experiência. (CUNHA, M.). (ISAIA, S. 2003, p.368)

saberes de suas práticas pedagógicas, a história como processo e, neste caso, um processo formativo.



Um dos instrumentos que foi utilizado para conseguir-se a história oral dos professores foi através de anotação e gravação de depoimentos orais em sala de aula, sendo eles descritos em um diário de campo.



Abaixo selecionamos algumas escritas retiradas de um formulário de avaliação da disciplina que continha a seguinte afirmação: “Que importância você atribui à disciplina “Expressão Lúdica”, no seu processo de formação, enquanto futura licenciada em Pedagogia Educação Infantil? Faça sua reflexão.”

Escritas:

1. *“Essa disciplina nos trouxe outra visão do lúdico, foi ótima”;*
2. *“Participei da maioria das brincadeiras, pois é fazendo que se aprende e não se esquece, e estas estão sendo de grande valor para o meu trabalho como professora, pois com ludicidade o aluno aprende facilmente e com prazer”;*
3. *Desta disciplina levo comigo uma grande bagagem de criatividade, jogos e brincadeiras, para desenvolver com meus educandos tornando as aulas mais prazerosas”;*
4. *Durante o desenvolvimento da disciplina Expressão Lúdica eu comecei a usar mais o lúdico na sala de aula; algumas*

vivências para descontrair ou quando a turma estava muito agitada para voltar a calma e nas aulas de Educação Física”;

5. *“Expressão Lúdica, uma disciplina que veio ao nosso encontro, pois tenho certeza que tudo que estudei e aprendi aqui será muito válido no desenvolvimento do meu trabalho em sala de aula”;*

6. *“É através do lúdico que obtemos ótimos resultados com nossos alunos, o importante é aprender brincando e esta disciplina proporcionou isto, atividades em forma de brincadeiras”;*

7. *“...devemos trabalhar o lúdico com a criança, pois ela aprende muito brincando”;*

8. *“...tudo o que fazíamos aqui, realizávamos lá. Os alunos ficavam muito contentes quando fazíamos com eles as vivências aqui aprendidas”;*

9. *“Com sinceridade, cada sábado vínhamos curiosas para ver qual seria a novidade daquele dia”;*

10. *“A professora nos mostrou o grande desejo de construir uma escola diferente, para formar alunos participativos, atuantes e felizes na sociedade que é o sonho de todos nós”;*

11. *“Acredito que esta disciplina foi muito importante para a minha prática pedagógica, porque aguçou minha criatividade, imaginação, expressão. Com ela aprendi novas técnicas de como trabalhar os conteúdos, a indisciplina, através do lúdico de forma significativa e prazerosa”;*

12. *“Foi muito gostoso fazer esta disciplina, porque eu gosto de fazer estas atividades, demonstro meu lado criança que todos nós temos, mas às vezes fica adormecido. Foi também válido para meu*

trabalho em sala de aula. É desta parte lúdica que precisamos para tornar nossas aulas mais criativas e interessantes. Basta querer que conseguimos fazer coisas lindas”;

13. *“...acredito que esta disciplina seja de suma importância para ser trabalhado em nossas escolas. ... E também fez com que lembrássemos de jogos, brincadeiras, canções das nossas gerações passadas que precisam ser resgatadas e cultivadas por nós educadores para não perdermos nossas raízes”;*

14. *“Com a disciplina Expressão Lúdica aprendi e aprimorei os meus conhecimentos. Melhorei muito minhas aulas com o que aprendi com as duas disciplinas do lúdico. Os alunos têm mais entusiasmo para vir à escola, sabendo que tem coisa nova para aprender de maneira prazerosa e brincando”;*

15. *“O lúdico deve fazer parte da vida da criança e também do adulto. ... Estas aulas da disciplina Expressão Lúdica se tornaram um suporte em minha vida profissional, aprendi muito e pretendo trabalhá-las em sala de aula”;*

16. *“Eu considero que durante o desenvolvimento dessa disciplina, eu pude aprender melhor o que é lúdico. Achei legal que para todos os conteúdos tivemos a chance de vivenciá-los, assim senti como é importante para a criança não apenas teorizar e sim praticar o que aprende”;*

17. *“Eles gostam muito e aprendem muito mais com atividades onde envolve o brincar, jogos representações, etc.”;*

18. *“Nesta disciplina, Expressão Lúdica, acredito que muito cresci como pessoa e principalmente como profissional, porque novos*

conhecimentos foram adquiridos através de estudo, trocas de idéias e experiências, busca de outros referenciais teóricos que vieram dar um embasamento maior, discussões, enfim, tudo aconteceu de forma natural, lúdica”;



Com esta coletânea de depoimentos e imagens fotográficas é possível observar que realmente minha idéia de tornar as aulas um laboratório de ensino e de pesquisa se confirma. Penso que nem há a necessidade de realizar alguma análise, pois para mim as próprias falas dizem tudo.

A voz destes professores vem reafirmar os objetivos de meu trabalho. E, além disso, as fotos retratam os momentos lúdicos vivenciados em aula por tais professores.

Gostaria ainda de destacar que o diário de campo foi uma estratégia investigativa riquíssimo, justamente porque com ele posso neste momento pontuar o “brilhantismo” de suas falas. Com este registro pode-se também visualizar que realmente se concretizou os processos de formação e de autoformação.

Sendo assim, vê-se que as animações lúdicas realizadas, nas aulas, aqui entendidas como recursos de investigação, formação e autoformação, possibilitaram a ressignificação das trajetórias dos professores envolvidos neste estudo, bem como da presente pesquisadora.

Observam-se ainda as representações que estes professores têm em relação a ludicidade, seu imaginário e conseqüente relação que estabelecem com seus saberes, construídos durante suas trajetórias, identificando seus processos formativos no que tange a esta discussão do lúdico.

4.2 Como é trabalhar com o processo de rememoração?

A questão da memória da forma com é abordada nos leva a crer que o relato oral tenha a função de acionar a mesma, pois ao contrário da história oficial abordada em livros ou documentos, a história oral contada por sujeitos-agentes faz com que a memória seja acionada através de todos os sentidos, seja através do corpo, dos cheiros, dos gostos etc. (...) Apesar da história oral remontar aspectos individuais de cada sujeito, ao mesmo tempo uma memória coletiva é ativada, pois na medida em que cada indivíduo conta a sua história, esta mesma encontra-se envolta por um contexto sociohistórico que deve ser considerado, visto que, apesar da escolha do método justificar-se pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos levam em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais presentes nos mesmos” (OLIVEIRA, V. 2003, p.162).

Quando me propus a iniciar o trabalho de campo dessa pesquisa, senti que antes de realizar as entrevistas, seria interessante começar pela narrativa da história de vida com a ludicidade das duas professoras colaboradoras. E ao narrar suas experiências com o lúdico, as participantes poderiam relacioná-las à sua história de vida.

Hoje temos consciência de que estamos escrevendo nossas histórias através de todas as nossas experiências. Somos um amontoado de guardados que aparecem hoje através de nossas manifestações diversas. (...) A partir destas narrativas foi possível perceber que quando recordamos, quando rememoramos, estamos também re-significando o que aconteceu, para a partir daí anunciar o que será” (Dianin, citada por FREITAS, 1998, p.71)

Embora a escolarização tenha nos processos de aprendizagem a presença da ludicidade como alguns momentos significativos para muitas pessoas, as duas colaboradoras deste trabalho em determinados momentos de sua trajetória de vida não conseguiram se lembrar de fatos e acontecimentos relevantes deste período. O que caiu no esquecimento provavelmente não foi significativo por alguma razão que só a história de cada um pode encontrar as justificativas. Estes podem ser vistos em alguns recortes que evidenciam estas não-lembranças mostradas em seus relatos da história de vida.

Para Dianin, em Freitas (1998, p.49) “não é tarefa simples narrar a própria história. Além disso, a memória precisa ser evocada, o que implica no processo a rememoração de acontecimentos significativos, que podem ter sido bons ou ruins”.

Ao se fazer o presente exercício sobre os saberes que fui acumulando na minha trajetória de vida, fica claro saber o que sou hoje como professora, ou seja, ver que professora eu sou, pelo processo reflexão do ser que se fez presente resultando numa redescoberta enquanto alguém.

Também verifiquei que a memória serve para reconstruir e não para repetir, portanto a memória tem o objetivo da reflexão, conseqüentemente ressignificar e com isto, mudar, evoluir. Assim, nela a gente observa os processos e como a gente se fez professor, servindo para entender outros processos. Por fim, constatei que a história de vida é também autoformação, ressignificação, reconstrução de auto-imagem.

A relação entre história e narrativa sugere, como assinala Jobim e Souza (1996) *uma reflexão sobre o papel da memória e do esquecimento como mediadora deste processo. Falar da memória é dialogar com o tempo. Tempo e memória são as duas faces de uma mesma moeda' (p. 11)*. A memória, em todas as suas dimensões, não pode ser considerada isoladamente. Ela só existe quando inserida num contexto social, o que em outras palavras significa que ela só se constitui no diálogo com o outro. Se rememorarmos nossa infância, provavelmente estaremos incluindo neste passado os relatos ouvidos de outras pessoas sobre o que fomos, ou sobre o que aconteceu. Isto fornece à nossa memória elementos que não nos pertencem, mas são de outra pessoa (mãe, pai, tio, irmão, avós, vizinhos etc). Sendo assim, minha história nunca será só minha, mas aquela que foi construída nas minhas relações com outros sujeitos. Também em relação ao afetivo, é inegável a percepção da memória como sendo constituída socialmente. Aprende-se a gostar ou não de determinadas coisas, a partir das interações com o

outro. Os estímulos oferecidos inicialmente pela figura materna ou por quem a substitui são de uma importância vital nesta constituição. Os conteúdos da memória se acumulam e são armazenados, de acordo com os estudiosos, desde a concepção de todos os seres humanos, não existindo um momento determinado para cessar este processo (DIANIN, A. in FREITAS 1998, p.58).

Com isto notei a relevância de os professores que estão trabalhando na escola e aqueles que lidam com a formação de professores, de saberem da sua vivência na escola enquanto alunos na sua infância e adolescência. Isto significa saber qual a escolarização, qual o modelo de educação que recebeu e vivenciou, vislumbrando o passado e descobrindo porque age assim no presente.

Foi visto também o quanto somos profissionais e pessoas ao mesmo tempo – seres sociais produtos e produtores – logo não se pode separar em dois momentos porque eles ocorrem simultaneamente, devendo assim entender esse professor como um todo.

Durante o percurso da ressignificação de mim mesma através de minha história de vida, ficou nítido a presença dos saberes descritos por Gauthier, os das disciplinas (matéria), os curriculares o programa, os das ciências da educação, os da tradição pedagógica (o uso), os da experiência (a jurisprudência particular) e os da ação pedagógica (o repertório de conhecimentos do ensino ou a jurisprudência pública validada).

Estes também podem ser identificados nos depoimentos dos professores descritos no subcapítulo anterior.

De acordo com Oliveira (2003, p.260) “(...) outro aspecto diz respeito aos saberes construídos e utilizados pelo professor (cultura

docente em ação) que também se referenciam em processos de formação nas diferentes trajetórias de vida. Com relação aos saberes construídos na experiência temos o debate sobre a epistemologia da prática, podendo o estudo desta ser pensada também com relação à docência universitária, sinalizando a possibilidade de formalização de um repertório de saberes necessários aos professores que têm se dedicado à formação profissional no espaço acadêmico”.

Suas narrativas, cada relato autobiográfico em relação às experiências relativas ao lúdico evidenciou a presença do outro no seu ambiente profissional e mesmo o familiar. Esta presença se concretizou das formas mais variadas, através de leituras, das brincadeiras, das falas, que acabaram por explicitar a inter-relação constante e transformadora.

Partindo-se das narrativas de cada uma, percebeu-se as diversas vozes que se escondiam por trás das lembranças. Além das vozes familiares, foi possível detectar também as outras vozes, onde a que se evidencia é a do professor, devido, sobretudo ao seu papel no processo dialógico desencadeado nos cenários escolares. Entre estes fatores está a seletividade da memória, que vai desencadear lembranças e esquecimentos.

Conforme as pesquisas que temos realizado, através das histórias de vidas dos professores, tendo a memória como ferramenta, percebemos que as representações sobre a docência, sobre o que é ser professor, construídas durante os processos de escolarização do sujeito, são acionadas no momento em que ele está no espaço da sala de aula. Esta é uma importante peça do quebra-cabeças na tentativa de

compreendermos como se produz a professoral idade no espaço acadêmico (OLIVEIRA, V. 2003, p.260).

Oliveira (2003, p.154-155) ainda comenta “percebemos, através das pesquisas realizadas com professores, que a criação do espaço das entrevistas com os participantes vai sendo um processo criativamente proposto e, cada novo encontro, possibilita a instalação de um clima empático, viabilizando uma entrevista com mais detalhes, com um trabalho mais intenso da memória que reconstrói imagens e fala delas a partir de uma confiança na escuta do pesquisador. A escuta sensível é uma condição para que se estabeleça esta empatia entre pesquisador e pesquisado: uma escuta que não direciona, uma escuta que não interfere, uma escuta que se emociona e se permite ser atravessada pela fala do outro”.

**5. UMA REVISÃO CONCEITUAL:
Ludicidade, Imaginário e Formação de Professores...
...todo o professor precisa ser um pouco criança!**

Partiu-se da preocupação com as questões que dizem respeito às categorias do imaginário, da ludicidade e da formação de professores, compreendidos como pilares fundamentais, enquanto alicerce teórico para a formação de um ser social, conseqüentemente para a educação de um grupo social. Afirmamos a importância do valor educativo do lúdico na educação a partir de uma perspectiva do imaginário social e sua contribuição para uma pedagogia da imaginação, procurando defender a idéia de que as atividades lúdicas podem transformar-se em uma metodologia para o desenvolvimento da aprendizagem no âmbito escolar.

Uma proposta dessa natureza justifica-se pela complexidade do sistema escolar com o qual depara-se hoje, e, conseqüentemente, da própria estrutura e funcionamento do ensino. Entende-se que existe uma necessidade de discutir-se a concepção do imaginário, da educação lúdica e a formação de professores, bem como um redimensionamento através de novas investigações ligadas a essas questões.

Acredita-se que, ao propor uma prática pedagógica com estes princípios educativos, se está contemplando uma educação

transformadora, que converta os conhecimentos em convicções internas do sujeito.

Trata-se de uma educação centrada na ludicidade, com um universo complexo de significados, considerando tanto o desenvolvimento do pensamento e da linguagem como também dos desejos, dos sonhos, das expectativas, das crenças e mitos dos sujeitos históricos diante de um contexto sócio-cultural e político.

Busca-se uma alternativa pedagógica para o momento sócio-histórico-crítico presente hoje, em nossa sociedade brasileira, com uma estrutura política-econômica que impõe valores, conceitos e posições à maioria da população.

Pensa-se que, no momento em que se propõe esta alternativa para a educação, em uma perspectiva como esta, envolvendo o imaginário social, pode-se atingir os principais aspectos que constitui o ser humano, possibilitando uma formação autônoma deste.

Para tanto é importante responder a seguinte questão: O que se entende por educação infantil? Um espaço a ser reformulado... Pode-se dizer que ao iniciar a escrita deste trabalho procurou-se situar esta questão, mas agora se faz necessário destacar que para respondê-la acredita-se que integrar a metodologia lúdico criativa com todo o respaldo da linha sócio-cultura seja a forma mais completa de fazê-lo.

5.1 Imaginário Docente - Que imaginário é esse?

O imaginário tem dimensões diversas. E nós? Qual o conceito de imaginário que temos? Concebe-se o imaginário como o campo das representações, das significações, da ressignificação, mas até que ponto tais termos têm sido negligenciados? Por que negligencia-se o universo simbólico? Ele fica à margem das análises e pesquisas educacionais, que durante muito tempo foi banido do pensamento considerado científico e legítimo. E neste trabalho quer-se contemplar mais especificamente o imaginário docente⁵.

Percebe-se, no ensino escolar, uma nítida desvinculação das chamadas imagens a partir do ensino fundamental, pois, quando a criança se encontra no nível da educação infantil, ela ainda manifesta-se através da imagem desenhada. Ao iniciar um contato maior com as letras, esses desenhos vão se empobrecendo e conseqüentemente, sua imagem também.

Isto mostra que o professor está desperdiçando o potencial imaginativo no qual o sujeito está envolvido, não procura trabalhar a partir de uma pedagogia da imaginação, que pode ser considerada como a realidade do sujeito aprendente. Isto porque está esquecendo que a brincadeira, as representações construídas no brincar são reais para a criança, ou seja, é a construção de significados reais.

⁵ Imaginários Docentes: representações construídas pelos professores sobre as diferentes criações sociais, simbolizadas nas normas, nos valores, nos comportamentos, nas ideologias, nas crenças e nos sonhos. Campo do simbólico, onde os significados com relação às instituições, às relações, as criações, num amplo sentido, são construídas pelos professores. (OLIVEIRA, V. 2003, p.383).

Frente a esta concepção, considera-se que o imaginário deveria reinventar e não repetir o que já existe. É preciso reafirmar a necessidade de a tarefa do profissional de educação se centrar no jogo da criança, e com ele se aproximar da sua vivência lúdica. A proposição aqui definida consiste em mostrar uma visão do lúdico diferente, pensado como uma possibilidade de trabalho com a criança, um caminho diferenciado de mediar o processo formativo na infância.

Sendo assim, faz-se um esforço para tirar o jogo, o brinquedo e as brincadeiras, enfim, a ludicidade em si, da periferia dos programas escolares, trazendo-os para o centro de toda a atividade do sujeito, por acreditarmos que o lúdico é o instrumento ideal para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento integral e harmonioso do ser humano, um ser histórico social. Nesta perspectiva, será compreendido o ato de brincar como uma possibilidade metodológica importante no cotidiano do sujeito.

Este trabalho busca trazer à tona uma mudança conceitual para as práticas cotidianas de jogo com crianças em idade infantil. Com vistas a essa formação do sujeito, discute-se a necessidade de criar condições para que o jogo seja resgatado por todos aqueles professores que buscam uma alternativa inovadora em sua prática.

5.2 Por que os Professores têm que brincar?

Dentro desta dimensão, tenho a necessidade de fazer o seguinte questionamento: Por que os professores têm que brincar? Ao responder esta pergunta, primeiramente saliento a idéia de que se faz necessário um novo paradigma, de um princípio educativo, em que esteja presente o pensamento de formar os professores para brincar, sendo ele feito através de atividades de jogos, pois, ao vivenciarem a experiência lúdica, percebe-se que aumenta a probabilidade de se sensibilizar de fato no sentido de se reportarem a sua própria infância, ressignificando a importância da brincadeira para a criança, e assim realizar um trabalho de acordo com o universo infantil.

Isto significa repensar os cursos de formação, e uma das formas de fazê-lo é introduzir na base de sua estrutura curricular um novo pilar, entendido aqui como um novo elemento fundamental, isto é, um novo princípio educativo que contemple a formação lúdica. Essa formação lúdica se assentaria em pressupostos que valorizam a criatividade, a imaginação, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, proporcionando vivências, experiências corporais, que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo na atividade lúdica sua fonte dinamizadora, enquanto prática pedagógica.

Para que esta formação do professor seja realmente de qualidade, acredita-se que é preciso estar presentes três pilares, entendidos como três áreas do conhecimento entrelaçadas, que são as questões de ordem teórica, pedagógica e, como inovação, o conhecimento lúdico. De acordo com essa nova perspectiva, observa-

se que, quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance deste profissional trabalhar com a criança, digo, maior será a proximidade do professor com a criança para compreendê-la e conseqüentemente atingi-la.

Conforme Dinello (1997, p.32), “(...) a valorização da recreação do adulto e da expressão lúdica na infância como elementos próprios da natureza humana”.

Entende-se que neste momento cabe revisitar à indagação do final do capítulo 5: O que se entende por educação infantil? Um espaço a ser reformulado...

Propõe-se uma caminhada, que aqui denomino de lúdico criativa, mais especificamente a Metodologia da Expressão Lúdico Criativa, uma abordagem do autor Raimundo Dinello (1997). E a melhor forma de iniciar esta trajetória é apontar os princípios fundamentais desta metodologia. Dentre eles encontramos:

1. EXPRESSÃO: vista como meio de afirmação do sujeito e como processo de definir identidades;

2. LÚDICO: visto como uma impulsão de vida, que conduz a descobrir novidades, a ser inteligente, muito relacionado com o imaginário. Manifesta-se com alegria. Ao jogar se toma uma distância que permite diferenciar o sujeito do objeto e viabiliza propor alternativas;

3. CRIATIVO: visto como uma expectativa de permanente criação, com possibilidades de compreender e inovar. Conjugando uma proposta com uma margem de liberdade, de maneira que cada um pode apropriar-se de sua aprendizagem;

4. CAMPO PEDAGÓGICO: é a organização do espaço de aprendizagem e sua correspondente animação; se constituir de objetos múltiplos simbólicos ou de tarefas reais, podendo assim tanto o adulto como as crianças, intervir mais sobre aspectos do campo que sobre os sujeitos;

5. O PROTAGONISTA: de quem aprende em interação com objetos e outros sujeitos. A heterogeneidade dos sujeitos e a diversidade dos objetos são mediadores da interação;

6. AS ÁREAS DE EXPRESSÃO: em sua especificidade e em sua integração; correspondendo a idéia de educação integral e de processo de individualização (formas de plástica; sons e músicas; coreografia teatral; jogos com movimento e alegria; folclore);

7. INTERAÇÃO: é uma ação “entre”... que modifica, é a essência da aprendizagem, é uma compreensão nova, resultante da ação de um e outro. É um instrumento inovador;

8. A DIVERSIDADE DE OBJETOS: constitui um conjunto que representa o mundo que nos rodeia; nos relaciona com o universo físico (material) e o universo simbólico (significação representada). Com eles nos introduzimos ao mundo “real” da lógica matemática e ao mundo da imaginação. Eles permitem o ensaio criativo e evita a violência entre sujeitos;

9. A HETEROGENEIDADE: concepção fundamental que se co-relaciona com o respeito e a diferença, com a biodiversidade da natureza, com a democracia; é um princípio de vida;

10. AS ANIMAÇÕES PEDAGÓGICAS: são uma forma de dar vida ao campo pedagógico, aos objetos, é propor interações. Tem

aspectos de exigências marcadas e aspectos de livre ensaio, estão referidas aos fins educativos do projeto pedagógico. Um desafio com liberdade;

11. A ARTICULAÇÃO: do impulso lúdico com os métodos científicos; articulação das atividades de expressão com a concepção; desde os objetos há uma significação;

12. PROCESSO EPISTÊMICO: processo de organização de saberes que na expressão lúdica vai desde a experiência à concepção; desde a vivência às conclusões e definições pessoais. Como a construção científica, vai desde a múltipla experiência à definição;

13. PROCESSOS DE IDENTIDADE: à medida que se integram aprendizagens se vai definindo o ser, confirmando-se em suas potencialidades ou adaptando-se em precários ensaios de mimetismo. A identidade reúne vários aspectos que não se podem suprir, na realidade é um processo de elaboração de uma síntese de si mesmo, na estreita relação dos valores culturais da região. Está em jogo tanto a memória histórica como os projetos sobre o devir.

Agora é possível observar que estes conceitos todos descritos a partir de uma metodologia como esta é viável preparar recursos humanos que em suas práticas futuras possam ter pressupostos baseados não somente em saberes teóricos, mas sim poderem partir da construção de princípios pedagógicos próprios.

Quero dizer com isto que senti uma necessidade de uma nova forma de organizar as questões de ordem formativa, justamente porque estes professores, como salienta Dinello (1997), precisam estar preparados para inserirem-se na realidade social e atuar frente a ela.

Para melhor visualizar o questionamento deste subcapítulo é preciso compreender a atividade lúdica no contexto da abordagem sócio cultural.

O termo "brinquedo", empregado por Vygotsky num sentido amplo, se refere principalmente à atividade lúdica, ao ato de brincar. É necessário ressaltar também que embora ele analise o desenvolvimento do brinquedo e mencione outras modalidades (como, por exemplo, os jogos esportivos), dedica-se mais especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira de "faz-de-conta" (como, por exemplo, brincar de polícia e ladrão, de médico, de vendinha, de boneca onde estas se tornam filhas, etc.). Este tipo de brincadeira é característico nas crianças que aprendem a falar, e que, portanto, já são capazes de representar simbolicamente e de se envolver em uma situação imaginária.

A imaginação é um modo de funcionamento psicológico especificamente humano que não está presente nos animais nem na criança muito pequena. É, portanto, impossível à participação da criança muito pequena numa situação imaginária. Ela tende a querer satisfazer seus desejos imediatamente: "ninguém jamais encontrou uma criança muito pequena, com menos de três anos de idade, que quisesse fazer alguma coisa dali a alguns dias, no futuro" (VYGOTSKY, 1991, p.106).

Até essa fase seu comportamento é dependente das restrições impostas pelo ambiente. Vygotsky exemplifica o quanto à ação da criança é determinada pelo campo visual externo, "a grande dificuldade que uma criança pequena tem em perceber que, para sentar

numa pedra, é preciso primeiro virar-se de costas para ela" (VYGOTSKY, 1991, p.109). Nesse período ela ainda não consegue agir de forma independente daquilo que vê, há uma fusão muito íntima entre o significado e o que é visto.

A brincadeira de faz-de-conta, também conhecida como simbólica, ou jogo protagonizado, de representação de papéis ou sócio dramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária.

Considerada situação imaginária, a brincadeira de desempenho de papéis é conduta predominante a partir dos dois ou três anos de idade, surgindo com o aparecimento da representação e da linguagem quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e a assumir papéis presentes no contexto social, resultado de influências sociais recebidas ao longo dos anos anteriores.

O faz-de-conta representa não só o processo de imaginação, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas das brincadeiras. É importante registrar que o conteúdo as idéias e as ações do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças, em diferentes contextos.

Nesse sentido, as idéias e as ações adquiridas pelas crianças provêm do mundo social, incluindo a família e principalmente o seu círculo de relacionamento, também o currículo apresentado pela escola, as idéias discutidas em sala de aula, os materiais e os colegas.

O conteúdo das representações simbólicas recebe, geralmente, grande influência do currículo e dos professores. Os conteúdos

veiculados durante as brincadeiras infantis bem como os temas de brincadeiras, os materiais para brincar, as oportunidades para interações sociais e o tempo disponível são todos fatores que dependem basicamente do currículo proposto pela escola, ressaltando segundo as premissas de Vygotsky o papel do professor como mediador na dinâmica das interações interpessoais e na interação das crianças com os objetos culturais.

De acordo com Vygotsky, através do brinquedo, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas. Nessa fase da idade infantil, ocorre uma diferenciação entre os campos de significado e de visão. O pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passa a ser regido pelas idéias. A criança poderá utilizar materiais que servirão para representar uma realidade ausente, por exemplo, um pau como uma espada, uma boneca como filha no jogo de casinha, etc. Nesses casos ela será capaz de imaginar, abstrair as características dos objetos reais e se deter no significado definido pela brincadeira.

A criança passa assim, a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é, aliás, a característica que define o brinquedo de um modo geral. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso.

A brincadeira, dentro desse contexto, representa a possibilidade de solução do impasse causado, de um lado, pela

necessidade de ação da criança e, de outro, por sua impossibilidade de executar as operações exigidas por essas ações.

“A criança quer, ela mesma, guiar o carro; ela quer remar o barco sozinha, mas não pode agir assim, e não pode principalmente porque ainda não dominou e não pode dominar as operações exigidas pelas condições objetivas reais da ação dada.” (LEONTEV, 1988, p. 121).

Assim, através do brinquedo, a criança projeta-se nas atividades dos adultos procurando ser coerente com os papéis assumidos.

Toda situação imaginária contém regras de comportamento condizentes com aquilo que está sendo representado. Por exemplo, ao brincar de lojinha, e desempenhar o papel de vendedora ou de cliente, a criança buscará agir de modo bastante próximo àquele que ela observou nos vendedores e clientes no contexto real. O esforço de desempenhar com fidelidade aquilo que observa em a realidade faz com que ela atue num nível bastante superior ao que na realidade se encontra, “no brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário: no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade.” (VYGOTSKY, 1991, p.117).

E, mesmo havendo uma significativa distância entre o comportamento na vida real e o comportamento no brinquedo, a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que impulsionam conceitos e recessos em desenvolvimento e, porque

através da brincadeira a criança internaliza regras de conduta, valores, modo de agir e pensar de seu grupo social, que passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo, volitivo e afetivo.

Assim, o brinquedo não só possibilita o desenvolvimento de processos psíquicos por parte da criança, mas também serve como um instrumento para conhecer o mundo físico e seus fenômenos, os objetos e seus usos sociais e, finalmente, entender os diferentes modos de comportamento humano, os papéis que desempenham, como se relacionam e os hábitos culturais. Portanto, no contexto escolar, principalmente na Educação Infantil, o lúdico não deveria ser entendido como mais uma atividade ou como um mero passatempo das crianças. Ao contrário, deveria ser valorizada, tornando-se o eixo norteador de uma proposta metodológica com crianças em idade infantil.

Nesse sentido, de acordo com a perspectiva vygotskyana, o jogo na sua íntegra, apresenta como elementos constituintes:

(...) criação de uma situação imaginária, envolvendo a representação de um papel social, como ele é na vida real; ... uso de regras, pois, pela representação de papéis, o que se passa inadvertido na vida real da criança, converte-se em uma regra que deve ser respeitada. Assim, o paradoxo do jogo está em que a sujeição às regras, que são rejeitadas na vida real, converte-se em uma necessidade prazerosa. O prazer da brincadeira está em seguir ou respeitar as regras, sendo que estas, em um primeiro momento são implícitas e, mais tarde explicitam-se na medida em que a situação imaginária toma-se mais esquemática, prevalecendo o primado das regras; transposição de significados, determinada pela inversão da relação objeto-significado e ação-significado, sendo este

último responsável pela transformação do objeto e da ação que configuram o brinquedo; intermediação entre os desejos imediatos e sua realização mediatizada, levando as crianças a evitarem impulsos imediatos pela predominância das regras sobre os desejos possibilitando a criança o seu desenvolvimento integral. (ISAIA, 1994, p.42).

5.3 Mas qual é o papel do professor durante as atividades lúdicas?

Este papel está vinculado, dentro desta proposta, à idéia de provocar a participação coletiva e desafiar o sujeito na busca de encaminhamento e resolução dos problemas, pois é através da atividade lúdica que se pode despertar e incentivar este sujeito para o espírito de companheirismo e de cooperação, que se dá por intermédio das interações. Gradativamente, ele vai assumindo e compreendendo sua posição como membro de um grupo.

Porém, para que as atividades lúdicas contribuam pedagogicamente com o processo de construção do conhecimento do sujeito histórico, este ser social, é preciso que o professor diminua o autoritarismo, em outras palavras, que sejam criadas pelo professor situações para o desenvolvimento da autonomia e que sejam incrementadas, também por ele, as ações que favoreçam as interações, conseqüentemente as trocas de opiniões e sugestões das questões surgidas durante a atividade.

Por este motivo, verifica-se a importância da concepção do imaginário social, desta dimensão simbólica por parte daqueles que pertencem ao espaço escolar, e, neste caso específico, refiro-me ao professor. Castoriadis (1982, p.142) afirma que “As profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário aparecem imediatamente se refletimos sobre o seguinte fato: o imaginário deve utilizar o símbolo, não somente para exprimir-se, o que é óbvio, mas para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais.”

Fazendo-se uma analogia com Vygotsky, acredito que o símbolo aparece na teoria como signos, a exemplo disso a foto é um signo, também, que reporta à memória de um tempo vivido.

Frente a este novo paradigma educacional, consideramos que o professor necessita entender e aceitar a lógica do sujeito, ou seja, o seu modo de apreender o mundo, o que, sob esta ótica, dá-se através da expressão lúdica fundamentada na abordagem do imaginário social.

Para tanto, é necessário proporcionar o desenvolvimento de atividades lúdicas, que venham a contribuir para a formação do professor como um ser integral dinâmico e como cidadão comprometido consigo mesmo e com o próximo. Desta forma, ele terá acesso a uma vivência lúdica não somente através de uma prática lúdica, mas também da memória de sua própria escolaridade e infância onde viveu sua ludicidade, idéia essa que venho reafirmando no decorrer de minha escrita.

Oliveira (2000, p.16) descreve que “(...) as histórias de vida profissional, através dos relatos autobiográficos, orais e escritos. E a memória é, por excelência, o trabalho que organiza, busca, junta, rejunta, cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenham novas subjetividades.” Portanto, o cotidiano escolar deve compreender um espaço para expressão da cultura, a interação social e a promoção da aprendizagem do professor e do aluno como sujeitos capazes de criar, pois a capacidade de criação do ser humano está relacionada com a chamada autonomia, sua individualidade, enfim, um sujeito com imaginação criadora.

É importante que se faça algumas considerações acerca do papel do professor durante as atividades lúdicas, mais especificamente na Educação Infantil. O referencial analisado sugere a necessidade de redefinição de sua função. Pode-se dizer que, nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação das crianças, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no seu desenvolvimento individual (cognitivo, afetivo, social, psíquico).

Isto não significa, no entanto, que seu papel seja dispensável ou menos importante. Muito pelo contrário, a função que o professor desempenha no sociocultural das crianças, potencializando dessa maneira o seu desenvolvimento infantil.

Tendo em vista as aprendizagens infantis, é preciso que o professor considere, na organização do trabalho educativo: a atividade lúdica infantil como um fator de aprendizagem e desenvolvimento; a atividade lúdica deve proporcionar não somente diversão e prazer à criança, mas fundamentalmente a possibilidade da mesma passar do nível imediato de realização de necessidades, para um nível mediato, em que estas são supridas via situação imaginária; os conhecimentos prévios das crianças e suas competências atuais; o grau de desafio que a atividade lúdica apresenta e o fato de que deve ser significativa para as crianças; a adequação das atividades lúdicas ao nível de desenvolvimento das crianças, motivando-as a aprender; a atividade lúdica infantil (o jogo protagonizado) tem origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser

realizados, com função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para construir uma maneira de solucionar, "a conflitos e frustrações da vida real " (BOMTEMPO, 1997, p.64) e cotidiana vivida por ela, "possibilitando o seu desenvolvimento" (DIAS 1997); as múltiplas conexões que cada aprendizagem pode oferecer às crianças; a dimensão dos cuidados básicos, pertinente a um trabalho educativo integrado; a interação e a mediação como fator de promoção da aprendizagem; a parceria, o diálogo e a interação com as famílias; o planejamento das atividades lúdicas significativas é flexível e, estas devem ser complexificadas e mediadas pelo professor conforme as necessidades das crianças, de acordo com os objetivos que se quer alcançar - o desenvolvimento infantil.

No cotidiano escolar, a intervenção "nas zonas de desenvolvimento proximal" das crianças é de responsabilidade (ainda que não exclusiva) do professor visto como o parceiro privilegiado, justamente porque tem maior experiência, informações e incumbência, entre outras funções, de tornar acessível à criança o patrimônio cultural já formulado pelos homens e, portanto, desafiar através de atividades lúdicas os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, entende-se que o pensamento de Vygotsky também inspira reflexões no que se refere à questão da formação dos professores, bem como várias outras reflexões sobre a prática escolar que ainda poderiam ser feitas, a qual chama-se atenção apenas para alguns aspectos que podem contribuir para uma análise da questão pedagógica.

Face ao exposto, faz-se necessário que o adulto, nas instituições de educação infantil, tenha ou venha a ter uma formação sólida e consciente. Frente à precariedade dessa formação, neste momento da história da educação infantil no país, cada rede de ensino e cada instituição necessita colocar-se a tarefa de investir de maneira sistemática na atualização permanente do educador infantil em serviço, aproveitando as experiências acumuladas daqueles que já vêm trabalhando com crianças em idade infantil há mais tempo e com qualidade, oportunizando de uma maneira reflexiva, práticas pedagógicas mais conscientes e transformadoras.

A qualidade do trabalho pedagógico está associada à capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento da criança. Conforme se abordou anteriormente, pode-se encontrar o fundamento dessa posição no conceito de ZDP, que descreve o espaço entre as conquistas já adquiridas pela criança – aquilo que ela já sabe e que é capaz de desempenhar sozinha e, aquelas que, para se efetivarem, dependem da participação de elementos mais capazes - aquilo que a criança tem competência de saber ou de desempenhar somente com a colaboração do outros sujeitos.

Por este motivo, do ponto de vista da teoria histórico-cultural, os processos de desenvolvimento são impulsionados pelo aprendizado. Ou seja, só amadurecerá, se aprender. E, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, isto é, aquele que se dirige às funções psicológicas que estão em via de se complementarem. Essa dimensão prospectiva do desenvolvimento psicológico é de grande importância para a educação, pois permite a compreensão de processos de

desenvolvimento que, embora presentes no indivíduo, necessitam de intervenção, da colaboração de parceiros mais experientes da cultura para se consolidarem e, como consequência, ajuda a definir o campo e as possibilidades da atuação pedagógica (VYGOTSKY, 1991).

Nesse sentido, o professor de Educação Infantil desempenhará seu papel de forma adequada, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe - o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, sua bagagem cultural, suas idéias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas teorias acerca do que observa do mundo e, quando for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vygotskyana, incidir na ZDP das crianças. Desta forma, poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a constituir a base que possibilitará novas aprendizagens.

É por estes motivos que, a atividade lúdica (jogo) tem por finalidade o desenvolvimento infantil, onde esta é espontânea para a criança e intencional para o professor, devendo este complexificar a atividade de acordo com a necessidade da mesma (ISAIA, 1994).

Ao considerar-se que a criança em idade infantil aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, a atividade lúdica desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la. Ao permitir a ação intencional, a construção de representações mentais, a manipulação de objetos e o desempenho de ações e as trocas nas interações sociais, a atividade lúdica contempla várias formas de representação da criança, como "ser pessoa", contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Quando as atividades lúdicas são intencionalmente criadas pelo professor com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação espontânea da criança para brincar, o professor está potencializando as situações de aprendizagem.

É, por estes motivos que a atividade lúdica - o jogo protagonizado é de extrema relevância, pois, segundo Costas (1996, p.53) permite a criança a generalização e reprodução do agir adulto com objetos, a transposição de significados de um objeto a outro, o assumir imaginativo de papéis sociais, os quais fornecem à criança subsídios para interiorização de relações interpessoais agindo assim, como instrumento propulsor no desenvolvimento infantil.

Dentro desse contexto, utilizar a atividade lúdica - o jogo na educação infantil, significa transportar para o campo do ensino aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação, da ação ativa e motivadora. E, conforme Costas (1996), permitindo à criança a socialização, a construção do intelecto e a sua personalidade infantil, bem como o desenvolvimento da criatividade e de habilidades.

Em síntese, segundo Isaia (1994, p.44-45)

tendo por horizontes os princípios explicativos do jogo protagonizado, a educação infantil adquire toda uma nova dinâmica em que o professor está consciente de seu papel mediador entre a criança e o mundo, permitindo que a mesma, através da brincadeira, não só construa conhecimentos como aproprie-se de valores, atitudes e procedimentos gerais de ações necessários para a resolução das tarefas que a vida lhe apresenta. Cabe ao professor,

em uma postura espontânea, mas intencional proporcionar jogos em diferentes níveis de complexidade, a fim de que o jogo protagonizado evolua e possa ser o núcleo orientador de uma prática pré-escolar afetivamente desenvolvvente.

Dentro desse contexto, uma prática pedagógica coerente, consciente e transformadora, onde a atividade lúdica é concebida com caráter desenvolvvente, deve considerar o sujeito como ativo e interativo no seu processo de desenvolvimento. Como também, considerar a importância da intervenção do professor e, finalmente as trocas efetivadas entre as crianças - relação intrapessoal e interpessoal no ambiente social em que estão inseridos, estabelecendo e criando principalmente no cotidiano da criança uma relação de diálogo e situações para que elas possam expressar aquilo que já sabem.

Enfim, é necessário que o professor se disponha a ouvir e notar as manifestações infantis, sendo estas fontes preciosas para prática cotidiana.

5.4 Redimensionando os dizeres e saberes do ofício docente: o que a ludicidade tem a ver com isso ?!

A partir da interação estabelecida com os professores em formação, esta possibilitou-me resgatar as trajetórias singulares, identificando os elementos que fundamentam e influenciam suas práticas pedagógicas, nos diferentes contextos de intervenção.

Os professores são referenciados como aqueles que sofrem os acontecimentos do dia-a-dia e, ao revê-los, refletem sobre os mesmos. Por isso, se reconhece a noção de um sujeito em constante reconstrução, já que pode reconstruir as próprias etapas vivenciais.

Entende-se, portanto, ser relevante tal resgate significativo, no sentido de se acreditar que o processo de formação humana identifica-se num desenrolar complexo, um conjunto em movimento, uma globalidade própria à vida de cada pessoa, justamente por ser um processo evolutivo.

Todo o processo de construção do ofício de ser professor projeta-se pela apropriação singular que cada pessoa-profissional faz do seu patrimônio existencial, tendo em vista que associa as múltiplas experiências vivenciadas enquanto fator de (trans) formação.

Diante desta concepção, particularmente no mundo do desenvolvimento dos professores, o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor. Em primeiro lugar, tem-se dado ênfase à prática docente do professor, quase se podendo dizer ao professor enquanto “prático”. Necessita-se agora de escutar acima de tudo a pessoa a quem se destina o “desenvolvimento”. Isto significa que as estratégias a estabelecer devem facilitar, maximizar e, em sentido real, surpreender a voz do professor (GOODSON, 2000, p.69).

Os professores constroem os seus saberes na ação, que só podem ser compreendidos em relação às condições estruturais de trabalho. Em outras palavras, os saberes profissionais dos docentes são temporais, isto é, são adquiridos através do tempo, visto que boa

parte do que sabem sobre a própria profissão provêm de suas próprias histórias de vida e, sobretudo, das trajetórias educativas.

A disciplina curricular Pedagogia do Lúdico justifica-se pela necessidade emergente em sensibilizar cada professor(a), a fim de que reconheça o valor da ludicidade no processo educativo, enquanto norteador da prática pedagógica.

A disciplina, para mim, teve um significado especial, pois me proporcionou conhecer e participar de atividades que me levaram a refletir um pouco sobre a minha prática pedagógica. Muitas vezes, deixamos de oportunizar atividades prazerosas aos alunos, por medo do desconhecido, de arriscar, e isto, me fez entender que como orientadora educacional, posso me dispor a realizar atividades com ele, podendo auxiliá-lo a desinibir-se e aprender com prazer. (professora em formação 1)

Já a programação da atividade curricular complementar (ACC), intitulada como Expressão Lúdica, surgiu a partir do interesse dos acadêmicos e da necessidade de continuar as discussões temáticas sobre a ludicidade no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental.

Acho que, se todos nós, professores, trabalhássemos com o lúdico em sala de aula, os nossos alunos reagiriam de maneira positiva à aprendizagem. (...) Onde há encantamento, onde é despertada a curiosidade, onde o pensamento é aguçado e é despertado o nosso interesse, nós aprendemos mais, e não nos esquecemos. (professor em formação 2)

Ao longo das vivências propostas e desenvolvidas nos encontros, através da participação ativa do grupo e dos subsídios teórico-práticos, os acadêmicos puderam resgatar significativamente as ações do brincar, ao mesmo tempo, em que analisaram as implicações pedagógicas conseqüentes à prática cotidiana.

... senti-me à vontade, com disposição para participar, principalmente, das brincadeiras que foram ótimas para mim, como também para a minha prática pedagógica, no trabalho com meus alunos na comunidade onde atuo. (professora em formação 3)
São estas disciplinas que precisamos ver para que possamos tornar nossas aulas mais criativas, e menos cansativas, para nossos alunos. Um jeito novo de transmitir conhecimento, através de brinquedos e brincadeiras. Valeu, foi interessante, pois aprendi teatro e encenações com material que jamais imaginei que pudesse usar. É simples, e a gente é capaz. (professora em formação 4)

Partiu-se da preocupação com as questões que dizem respeito ao ofício de professor, seus saberes e dizeres, compreendidos como pilares de suma importância para uma educação e mediação na formação dos seres de um grupo social.

A dimensão simbólica e pedagógica da educação consiste em recolocar os sujeitos da educação a partir de sua cultura, da sua sociedade, das suas emoções, das suas vivências, dos sonhos, mitos e ritos. Isto significa dizer que a subjetividade e a objetividade estão imbricadas.

É preciso reafirmar a necessidade de que a tarefa do professor passe a centrar-se no jogo da criança e, com ela, resgatar a sua própria

vivência lúdica. Com isto se quer mostrar uma visão da ludicidade de forma diferenciada, pensada como uma trajetória a ser seguida na mediação com a criança.

A disciplina Expressão Lúdica veio reafirmar o papel do educador em usar estratégias diversificadas para que a aprendizagem aconteça. Nós aprendemos muito, afirmo isto porque durante as aulas estava sempre participando das atividades propostas ... e neste momento é que percebia o quanto era importante estar em contato com o colega para realizar uma brincadeira. Assim, percebi que o professor precisa saber que a ludicidade não está ligada simplesmente ao prazer, mas que desenvolve a imaginação, o raciocínio, a sensibilidade, a percepção..., pois as brincadeiras fazem parte do cotidiano dos alunos e expressam como eles sentem, sonham, desejam, refletem, ordenam, organizam, desorganizam, constroem e reconstroem a realidade. (professora em formação 5)

A estruturação do jogo em Piaget (1979), confirma minha idéia de que realmente a atividade lúdica está presente em todas as etapas da vida humana.

Para este autor o jogo se encontra estruturado em três categorias: o jogo de exercício - onde o objetivo é exercitar a função em si -, o jogo simbólico - onde o indivíduo se coloca independente das características do objeto, funcionando em esquema de assimilação, e o jogo de regra, no qual está implícita uma relação inter individual que exige a resignação por parte do sujeito. Piaget (1979) cita ainda uma quarta modalidade, que é o jogo de construção, em que a criança cria algo. Esta última situa-se a meio caminho entre o jogo e o trabalho, pelo compromisso com as características do objeto. Tais

modalidades não se sucedem simplesmente acompanhando as etapas das estruturas cognitivas, pois, tanto o bebê pode fazer um jogo de exercício, como também uma criança poderá fazer sucessivas perguntas só pelo prazer de perguntar.

... como bem disse, participei, fiz coisas que nem mesmo eu acreditava que pudesse, que fosse capaz, mas eu consegui e aprendi que a ludicidade deve estar presente todos os dias, na escola e em todas as disciplinas. As coisas diferentes, que aprendi aqui, já coloquei em prática, em todas as turmas que atuo e eles cobraram sempre mais. Tudo o que vimos aqui é recoberto de teor didático que leva ao ensinamento de alguma coisa ... cresci muito, aprendi e tenho certeza que o meu aluno crescerá comigo. (professora em formação 6)

O ato de brincar proporciona, tanto às crianças quanto aos adultos, que estes interliguem as situações vividas e, ao relacioná-las, é que os sujeitos constroem o conhecimento.

Confirma-se que brincar não significa, simplesmente, recreação, isto porque é a forma mais completa que todos têm de comunicarem-se consigo mesmo e com o mundo.

Brincar é a fase mais importante da infância - do desenvolvimento humano neste período - por ser a auto-ativa representação do interno - a representação de necessidades e impulsos internos (FROEBEL, 1912c, pp. 54-55).

Portanto, o ato de brincar é importante, é terapêutico, é prazeroso, e o prazer é ponto fundamental da essência do equilíbrio humano. Logo, pode-se dizer que a ludicidade é uma necessidade

interior, tanto da criança quanto do adulto. Por conseguinte a necessidade de brincar é inerente ao desenvolvimento.

No brincar, ocorre um processo de troca, partilha, confronto e negociação, gerando momentos de desequilíbrio e equilíbrio, e propiciando novas conquistas individuais e coletivas. Constatase, então, que a ação de brincar é fonte de prazer e ao mesmo tempo, de conhecimento. Afirmo isto porque ao brincar o sujeito interage, o que propicia novas significações, descobertas e construções.

Não só as crianças aprendem com mais facilidade vivenciando, nós adultos também. Tudo o que nos dá prazer é leve e agradável, por isso adorei a disciplina (...) devemos continuar buscando, no lúdico, a nossa criatividade e a de nossos alunos. Precisamos desacomodar, pois ludicidade é ação. (professora em formação 7)

Além disso, o ato de brincar pode incorporar valores morais e culturais em que as atividades lúdicas devem visar à auto-imagem, a auto-estima, o auto conhecimento, a cooperação, porque estes conduzem à imaginação, fantasia, criatividade, criticidade e a uma porção de vantagens que ajudam a moldar suas vidas, como crianças e como adultos. Portanto constituem o ser no mundo, seja ele criança ou adulto.

Conforme Outeiral (1998), o trabalho de Winnicott (1942): “Por que brincam as crianças?”, apresenta algumas motivações da atividade lúdica: para buscar prazer, para expressar agressão, para controlar a ansiedade, para estabelecer contatos sociais, para realizar a

integração da personalidade e, por fim, para comunicar-se com as pessoas.

Pode-se considerar que, desde os primeiros anos da infância, encontram-se processos criativos que se refletem sobretudo nos jogos. É através deles que ocorre a (re)elaboração criativa e combinatória dos fatos entre si, construindo novas realidades de acordo com os próprios gostos e necessidades. Em síntese, além de proporcionar prazer e diversão, o jogo pode representar um desafio e provocar o pensamento reflexivo da criança.

... já estamos em busca de uma educação com “novos olhos”, em busca de um “aprendizado consciente” para os nossos alunos. É fundamental inovar e colocar a ludicidade em nossa prática pedagógica, para a educação de nossas crianças ser mais “rica”, com fundamento, onde os pequenos não encontrem somente o $B+A=BA$, mas sintam algo prazeroso em estar lá. E a mudança radical, de ver a educação como meio transformador, está nas mãos do educador que busca a socialização, a fim de atingir seus objetivos. (professor em formação 8)

Os próprios saberes, além de utilizados, são transformados pelos professores ao longo dos processos singulares de (trans) formação e das vivências nos diversos contextos de sua prática pedagógica. Ao resgatarem suas trajetórias, enquanto agentes sociais, manifestam as imagens, as emoções, culturas, pensamentos e ações que trazem consigo algumas marcas dos contextos de que vêm fazendo parte.

Além de personalizados, os saberes são situados e têm sentidos próprios, particulares a cada situação concreta. Saberes particulares,

que lhe são próprios por seu percurso de vida, correspondem aos saberes sócio-culturais que fazem parte do exercício profissional.

No que tange à necessidade dos professores em desenvolver novas atividades de capacitação, cabe ressaltar que, nos contextos em que se vive, a atualização dos referenciais passa a ser uma constante necessária. E porque não dizer, a ser desejada pelos sujeitos em formação, como os professores comprometidamente engajados, inquietos à continuidade dos próprios projetos de busca por ser mais, a partir de suas conquistas e inter-relações com os mais variados significantes da vida pessoal e profissional.

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico⁶, a “vida” é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho (...). O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes (GOODSON, 2000, p.71).

Concla-se, nessa dinâmica, de que seja necessário repensar o ofício dos professores, considerando estes como agentes sociais que têm ações esclarecidas e intervenções objetivas para o nascimento de uma cultura profissional diferenciada. Uma cultura mais flexibilizada e organicamente voltada ao estabelecimento de outras relações, em interlocução e socialização com o conhecimento, oportunizando a discussão dos saberes do cotidiano, socialmente reconstruídos.

⁶ Método Autobiográfico: pesquisa/formação com professores com base na reflexão que se colocam as pessoas envolvidas a partir do trabalho de reconstrução da memória, do seu patrimônio vivencial, através de um processo de "compreensão retrospectiva". (OLIVEIRA, V. 2003, p.374).

Ainda que os saberes sejam fruto de suas crenças e representações anteriores, de suas experiências enquanto alunos e professores sobre o que é ser um bom professor são saberes muito próximos daqueles denominados por saberes profissionais. Para GAUTHIER (1998), é ao longo de uma carreira profissional que estes saberes se desenvolvem, adquirem maior refinamento e têm raízes em culturas diversas, dependendo do contexto interativo.

Também, possuem traços bastante pessoais, fazendo emergir elementos fortes para mudar de estratégias, buscar novo modelo de aula, flexibilizar as metas da aula são exemplos de saberes que os licenciandos consideram fundamentais para ser um bom professor.

“Esta disciplina me fez repensar muito meu trabalho em sala de aula, pois usava pouco o lúdico e percebi a importância que ele tem para as crianças, pois até nós adultos gostamos das brincadeiras e danças que foram feitas”. (professora em formação 9)

Alguns "saberes teóricos" da profissão fizeram parte do repertório dos licenciandos; a atividade os ajudou a ampliar e, em alguns casos, a refinar esses saberes docentes. O esforço por parte dos licenciandos em localizar, elaborar, criticar, dar sentido a alguns fatos de suas experiências em sala de aula ajudou nesse refinamento.

Os saberes provêm de diversas fontes e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, de um processo vital no qual se interconexam as dimensões identitárias e de socialização profissional. Na carreira,

ou seja, num processo de vida de longa duração, os professores precisam mobilizar um vasto cabedal de saberes e habilidades.

Suas práticas são orientadas, entre outros, por objetivos sociais, emocionais, cognitivos e coletivos, o que mostra que, mais do que um saber teórico ou técnico têm um saber narrativo sobre suas intervenções já que, além do espaço de realização, a profissão também parece ser um modo de afirmação de si próprios.

Constitui-se numa interlocução de saberes gerados em interações mútuas e reflexões compartilhadas, nas quais encontram a valorização desse resgate das posturas crítico-reflexivas sobre as práticas, que os professores vêm realizando.

Nesse sentido, os saberes pedagógicos e didáticos fazem-se necessários, além da experiência e dos conhecimentos específicos. Consiste, pois, em tomar a prática como o ponto de partida (e de chegada), reinventando tais saberes, a partir da prática social da educação (PIMENTA, 1999).

A vida é o lugar, a educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a prática da educação define o espaço de toda a reflexão teórica. (...) Dito doutro modo, o saber sobre a formação provém da própria reflexão daqueles que se formam. (...) No entanto, a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e de mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações concretas do seu próprio percurso educativo. (Dominicé, citado por NÓVOA, 2000, p.24)

5.5 O saber lúdico: que saber é esse?

Tem-se, diante da questão da ludicidade, um interessante paradoxo. De um lado, a teoria. Encontram-se bibliotecas repletas de obras nas quais autores de inúmeras áreas defendem o direito de a criança brincar. Algumas idéias se repetem com tanta freqüência que causam um certo *dejà-vu*, levando os leitores a considerá-las, equivocadamente, como cópia de outros trabalhos já publicados. Por outro lado, a prática. Depara-se com profissionais de diversas áreas para os quais o brincar não ocupa um lugar de importância. Em nenhum momento se pode generalizar, mas muitas vezes até no ambiente familiar o brincar fica desprestigiado diante de tantas prioridades que ocupam a vida da criança. Alguns consideram que, quando a criança brinca, ela está apenas passando o tempo, ou até mesmo perdendo tempo. Uma criança proveniente de família financeiramente desfavorecida, ao invés de “perder tempo brincando”, poderia estar ajudando nas tarefas domésticas ou cuidando dos irmãos menores. Da mesma forma, uma criança de família com mais recursos poderia estar “aprendendo algo mais útil” para seu futuro como um cursinho de informática. Ou seja, a substituição do brincar por outras atividades ocorre entre inúmeras famílias, independente do nível sócio-econômico-cultural.

A esse respeito, Cunha (1997) comenta que a curiosidade é natural a toda criança, portanto, aprender coisas novas também seria, se o processo de construção do conhecimento (que poderia ser uma divertida aventura) não tivesse sido transformado em trabalho

enfadonho. A pressa em transformar a criança em adulto fez com que o aprender passasse a ser obrigatório e sistemático. A pré-escola foi transformada em escola e as crianças de 3 anos de idade já estão sentadas fazendo exercícios preparatórios para a alfabetização. Desrespeitando a infância, a necessidade de brincar foi substituída pela necessidade de aprender o quanto antes, a nadar, a ler, a falar inglês, a dançar e a lutar judô. As escolas chegam a vangloriar-se da aceleração de seus currículos e as crianças, estressadas, apresentam problemas emocionais e rebeldia ao estudo.

Este é o preço que nossas crianças estão pagando em favor de um suposto progresso, dificultando, assim, o ato de brincar. A brincadeira não é vista como deveria, essencial dentro do processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Um problema que se apresenta no ambiente familiar é o fato de que mães e pais estão abraçando cada vez mais o mercado de trabalho, ficando com pouca disponibilidade para dar atenção aos filhos. Ou seja, a falta de tempo para o brincar entre pais e filhos é um sério indicador que coloca em jogo o mundo infantil.

Outro problema que se tornou uma constante, é a falta de espaço, que acabou quebrando o elo entre as pessoas.

Onde estão as brincadeiras de rua? Terão as cidades industrializadas tomado conta desse espaço? Onde está o prolongamento do lar para as ruas? Tudo isso seria passado?

O que se vê nos dias de hoje são as ruas, as praças e os parquinhos sendo utilizados como um mero lugar de passagem de

pessoas que não se conhecem. Além disto há o grande fantasma chamado perigo: a violência urbana.

Esses espaços não são mais locais de encontro, de contato com as pessoas amigas, conhecidas.

Parece que, com o crescimento da população, os espaços estão sendo reduzidos para que todos tenham seu lugar garantido no mundo.

Mas e o espaço de brincar da criança reduziu-se a quê? Infelizmente, a espaços comprimidos, tais como apartamentos cada vez menores, nos quais às vezes é difícil até se locomover. Que dirá ter lugar para guardar os brinquedos das crianças!

O que se tem hoje reservado às nossas crianças? Simplesmente cantinhos apertados, concentrados e ainda em áreas afastadas do alcance delas.

Redin (1998), aponta para o perigo de uma nova alienação: isolamento da criança, especialização do tempo e do espaço para o lúdico, quando a luta deve ser feita para garantir a dimensão lúdica como dimensão humana presente em todos os espaços e o tempo todo.

É dentro desse contexto que venho em defesa da idéia de que cada vez mais é necessário que a escola seja um espaço que a criança possa contar para o seu brincar. Até porque é na escola que muitas crianças encontraram seu espaço e seu momento de brincar. A idéia é que a escola seja o lugar onde se desafia e incentiva-se a criatividade tanto das crianças como daqueles que são os mediadores desse trabalho: os próprios professores, que nesta proposta são vistos como “professores animadores”.

É de fundamental importância que se possa estar situando o que se entende por saber lúdico, e que neste trabalho foi possível ressignificá-lo, em outras palavras, pretendeu-se ressignificar a atividade lúdica como jogo protagonizado.

Elkonin, seguidor de Vygotsky, começa a interessar-se pela psicologia do jogo no começo da década de 30, a partir das observações dos jogos de suas duas filhas. Os resultados dessas observações levaram-no a conclusão que, para as crianças em idade infantil o mais importante no jogo é o papel que assumem, transformando suas ações e atitudes frente a uma determinada realidade, não importando se muitas vezes ao interpretarem determinado papel a criança age de maneira a superar uma possível liberdade de ação, pois ela está de uma maneira ou de outra presa a uma representação simbólica.

Entende-se por representação simbólica ... nació la hipótesis de que la situación ficticia en que el niño adapta el papel de otras personas, ejecuta sus relaciones típicas en las condiciones lúdicas peculiares es la unidad fundamental del juego... La reconstrucción de una actividad que destaque su contenido social, humano: sus tareas y las normas de las relaciones sociales... (ELKONIN, 1980, p. 29).

A criança deseja representar e criar uma situação nova, vivenciando o momento, se colocando no lugar do adulto.

Segundo o autor, o jogo é concebido como uma atividade lúdica particular, onde não é considerado como qualquer tipo de interação, mas sim uma atividade que tem como características as

relações sociais e as ações destas derivadas, em uma estreita ligação funcional com o aspecto técnico-operativo da atividade em si.

Para Elkonin (1980) o principal significado do jogo protagonizado está em que nele a criança representa as relações entre as pessoas (mundo dos adultos) - papéis sociais, tendo os objetos apenas como mediadores das suas relações. Por este motivo, o jogo caracteriza-se como direcionador da criança para a atividade humana, onde nesta fase da vida, ela apropria-se da experiência socialmente elaborada, trabalhando no jogo as relações entre as pessoas.

Portanto o jogo protagonizado desenrola-se numa realidade permeada de papéis sociais. Desse modo os papéis e as ações são pertinentes a estes, pois é no jogo que se revelam a união da motivação efetiva e o aspecto técnico-operativo da atividade lúdica.

Nesse sentido, é necessário dizer que a realidade infantil distingue-se em duas formas interdependentes: a primeira é o mundo dos objetos, tanto naturais como construídos pelo homem, e a outra diz respeito à atividade desenvolvida pelas pessoas, seu trabalho e as relações que estabelecem.

O jogo protagonizado ou o jogo de papéis sociais é considerado atividade desenvolvente, pois segundo Elkonin (1980), é a partir dele que ocorrem não só as mudanças mais importantes na sua vida, como também, em seu interior, propiciando a transição para um nível mais elevado de desenvolvimento psíquico. Ele incrementa a dimensão emocional, intelectual, valorativa, volativa, englobando o desenvolvimento integral da personalidade infantil. Também, estabelece-se como atividade, no momento em que a criança se

conscientiza a respeito do universo objetivo do adulto e, através do desempenho de papéis no seu desenvolvimento para além do seu nível real.

Desse modo, é através do jogo que a criança demonstra seu nível potencial de desenvolvimento, na medida em que se utiliza dos objetos de forma imaginária e, atua de modo a cumprir tarefas do mundo adulto que estão muito além do seu nível real de desenvolvimento, tomando consciência do mundo dos objetos sociais e, fundamentalmente das relações estabelecidas pelas pessoas no mundo em que vivem.

Em conseqüência, o jogo é a interpretação de um papel assumido pela criança sendo essa a sua razão principal. Pois, durante o desenvolvimento do jogo, muda a maneira da criança entender seu papel, se antes, na primeira infância, não existia para ela a relação com um determinado papel, agora ao brincar passa a compreender essa relação e, ao final da idade infantil, assume uma atitude mais crítica dos seus papéis e dos papéis desempenhados por seus colegas.

Face a isso, a ação educativa é caracterizada pela intencionalidade, ou seja, quando o professor interage com a criança, há o objetivo explícito de ensinar e de promover determinadas aprendizagens. Para isso, é fundamental que tenha clareza e consciência quanto às intenções educativas que norteiam seu trabalho e elabore propostas claras sobre o que, quando e como ensinar, a fim de possibilitar o planejamento das atividades de ensino e aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos, enriquecendo e promovendo o desenvolvimento da criança.

Cabe ao professor da educação infantil perceber que ele e a criança estabelecem uma relação de respeito mútuo, de afeto e de confiança e que esta favorece o desenvolvimento da autonomia. Um clima sócio-afetivo tranquilo e encorajador, livre de tensões e imposições é fundamental para que esta criança possa interagir de forma confiante com o meio em que vive, saciando sua curiosidade, descobrindo e inventando.

E, cabe também ao professor, segundo Costas (1996, p.15), "interferir consciente e intencionalmente com o intuito de ser uma ferramenta pedagógica na apropriação epistêmico-cultural dos sujeitos", trabalhando a partir da sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas e formulando desafios cada vez mais complexos à capacidade de desenvolvimento infantil.

Dentro desse contexto, a intervenção do professor é necessária para que a criança vá se apropriando dos códigos sociais, dos símbolos, da linguagem, enfim, da cultura de seu grupo. Isso acontece através das diversas situações em que o professor oferece às crianças condições propícias para que elas experimentem, arrisquem, criem hipóteses, exercitem e desenvolvam as suas capacidades.

Enfim, o educador infantil assume um novo papel: é ele quem desestabiliza, quem estimula, quem promove oportunidades de a criança realizar suas trocas com o meio social; é ele quem desequilibra e quem a desafia no seu desenvolvimento.

Portanto, é função do educador conhecer e considerar a diversidade de hábitos, costumes, cultura, crenças, etc., na perspectiva étnica, de respeito às diferenças e na perspectiva de ampliação dos

contextos de inserção postura, outro papel. E, finalmente, a atitude da criança frente a um papel interpretado por ela modifica-se e se desenvolve.

O caráter desenvolvente do jogo protagonizado não está em atuar num simples papel, mas sim, em a criança tomar consciência do que seja a atividade humana e, em conseqüência, o interesse dela em desempenhar uma atividade de significação social compartilhada com o adulto, num momento potencial, mas que, na sua ação infantil, torna-se real e, por conseguinte agirá como adulto, independente dele. (COSTAS, 1996, p.55)

Assim, é por meio de jogos que a criança em idade infantil generaliza funções sociais, apropriando-se e interiorizando o mundo adulto em termos de normas, valores, hábitos, atitudes, conhecimento socialmente elaborado, construindo potencialmente as suas funções psicológicas superiores e agindo também enquanto homem-social.

Nesse sentido, no período pré-escolar, segundo Isaia (1994, p.42) a atividade lúdica - o jogo protagonizado, "incrementa a dimensão intelectual, emocional, volativa", englobando o desenvolvimento integral da "personalidade infantil".

Dinello considera que "os jogos são uma alegria imediata, assim como o 'imediatismo' caracteriza as relações das crianças. Os jogos e brinquedos na sua liberdade de motricidade global facilitam os movimento de imitação: barulhos, formas de animais, gestos caracterizando personagens, ... Flexibilidade de identificação que prepara a inter-relação, tendo em vista que iniciar uma relação e, de algum modo, se colocar no lugar do outro (adversário) ou se encontrar

através do outro (parceiro), sempre um companheiro de jogo: esta é toda a descoberta das inter-relações.” (1994, p.63)

O autor ainda salienta, “os educadores lúdicos estimulando a criança para a aquisição dos instrumentos de compreensão do mundo e do diálogo. Tendo pais cansados pelo "stress" das condições de vida, a criança encontrará na animação lúdica um mundo disponível para ela onde ela poderá aprender tanto uma linguagem de expressão de sentimentos, quanto de construção cognitiva.” (1994, p.62)

O elemento essencial, para Dinello (1994), da atividade lúdica é sua magia, onde tudo pode se representar para a criança sem nenhum outro limite que o da sua imaginação e a consistência de alguns objetos transformados em brinquedos.

Partindo desses autores com o qual procurei tecer nossos diálogos sobre o entendimento do termo lúdico, posso dizer que a intenção é pontuar as diversas faces de um novo saber, aqui denominado de “saber lúdico”, que penso ser mais um saber imprescindível na construção da trajetória docente.

Neste momento considero conveniente compartilhar algumas concepções próprias que venho ressignificando ao longo de minha trajetória enquanto professora formadora, preocupada com as questões de ordem lúdica nos Cursos de Formação de Professores. Então, passo agora a comentar algumas dessas idéias concebidas sobre este saber, o “saber lúdico”.

Também quero destacar algumas falas das professoras colaboradoras da pesquisa evidenciando suas “representações lúdicas”.

Inicialmente vejo que o lúdico pode ser considerado como mais amplo que o brincar e que a brincadeira da criança, embora todos eles sejam culturais, a palavra lúdico não significa simplesmente recrear-se, como afirma Dinello. Para ele o lúdico também pode ser compreendido como a forma mais completa que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, nele está a verbalização, o pensamento, o movimento, gerando canais de comunicação.

Um das minhas questões propostas nas entrevistas gravadas foi: - Qual a imagem que surge quando se fala a palavra lúdico? E Suzana respondeu dizendo:

“Crianças felizes! Não tem como... uma coisa é tu colocar uma criança sentadinha ou atrás do outro ou mesmo em círculo e uma coisa é tu colocar eles à vontade, porque às vezes tu tem sempre que ver a questão do limite, tu colocar eles à vontade com um monte de brinquedos, de jogos ou música ou teatro, enfim, e tu ver os olhinhos deles, a realização.”

Uma outra questão realizada na gravação foi: O que vem na tua memória quando alguém comenta sobre atividades lúdicas? E Suzana diz:

“Ainda tem, marcada aquela história de que lúdico é só o jogo, tu sempre imagina, não sei porque assim, vem aquela idéia de crianças e uma bola. É, só que eu já mudei essa concepção, mas é que dentro eu acho que não ficou tão registrado ainda! Mas tem atividade, movimento!”

A ludicidade ao ser praticada é terapêutica, é prazerosa, e o prazer é ponto fundamental da essência do equilíbrio humano, sendo vista neste trabalho como uma necessidade interior, tanto da criança quanto do adulto.

“Jogando, defrontamo-nos com uma situação de prova e esta pede uma organização de nossos meios pessoais. Mesmo no caso de retomar hoje o mesmo jogo de ontem, não estaria assegurado que atue da mesma forma. Avalio-me então por comparação a ontem e amanhã. Posso também jogar imaginando diferentes personagens que estão latentes em mim; engajo minhas possibilidades na formulação dos meus diversos desejos de tornar-me uma pessoa diferente. Por outro lado, posso também me colocar face a certos obstáculos: serei eu capaz de subir, de saltar, de evitar tal coisa? Então, tudo o que é objeto a minha volta torna-se um parceiro de jogo, permitindo muitas vezes uma confrontação comigo mesmo. (...) Por detrás do jogo projeta-se sempre uma idéia: será que me divirto, ou me aborreço? De fato, o único fracasso do jogo, e nos brinquedos, é de não se divertir e de ter que para-lo. Sendo o jogo, e os brinquedos, um convite ao divertimento (a única condição permanente que existe no jogo), no dia em que o jogo já não der mais alegria, não será mais um jogo. (DINELLO, 1994. p. 25)

Quanto a criança mais especificamente, podemos dizer que a linguagem cultural própria da criança é o lúdico, ela comunica-se através dele e por meio dele irá ser agente transformador, sendo o brincar um aspecto fundamental para se chegar ao desenvolvimento integral da criança.

A criança brinca porque tem um papel, um lugar específico na sociedade, e o jogo é a forma que ela encontrou para representar o contexto em que está inserida.

O lúdico pode incorporar valores morais e culturais em que as atividades lúdicas devem visar à auto-imagem, a auto-estima, o auto conhecimento, a cooperação, porque estes conduzem à imaginação, à fantasia, à criatividade, a criticidade e a uma porção de vantagens que ajudam a moldar suas vidas, como crianças e como adultos. E sem eles a criança não irá desenvolver suficientemente o processo de suas habilidades.

O modo como a criança brinca revela o mundo interior da mesma, proporcionando o “*aprender fazendo*”, entendido aqui por aquelas ações concretas da criança.

Conforme Dinello (1994), a primazia deve ser dada à criança-em-movimento que se tornará cada vez mais o sujeito, senhor do espaço dos brinquedos e jogos. (...) lugar de expressão lúdica onde a criança é convidada a se mover alegremente (em vez de ficar "plantada" na manipulação dos brinquedos-objetos). Esta concepção da animação, que convida as crianças a ocupar um espaço de brinquedos antes de ficar na administração dos brinquedos-objetos, nos parece construtiva.

Através do lúdico, a criança realiza aprendizagem significativa. O jogo propõe à criança um mundo do tamanho de sua compreensão, no qual ela experimenta várias situações.

Ao jogar a criança relaciona as coisas umas com as outras, e ao relacioná-las é que ela constrói o conhecimento. Esse conhecimento é adquirido pela criação de relações e não por exposição a fatos e conceitos isolados, e é justamente através da atividade lúdica que a criança o faz.

A criança vai construindo seu conhecimento do mundo de modo lúdico, transformando o real com os recursos da fantasia e da imaginação.

Os primeiros anos da infância encontram-se processos criativos que se refletem, sobretudo nos jogos. É através deles que a criança (re)elabora, criativamente, combinando fatos entre si e construindo novas realidades de acordo com seus gestos e necessidades. Também nestes jogos aparece toda a experiência acumulada da criança. Neles as lideranças são desenvolvidas, e aí ela aprende a obedecer e respeitar regras e normas.

São opções... são idéias sobre as quais é preciso refletir... Reconhecendo o direito a infância, nós pensamos: direito a jogar, direito a ter um crescimento não programado nem por um determinismo social, nem por um modelo de aprendizagem acelerados. Direito para as crianças de viver o seu próprio período de alegria, graças ao brincar e aos jogos infantis. Respeitamos o direito da criança de brincar com um espírito de despreocupação infantil em vez de querer fazê-la rapidamente um adulto modelado segundo o nosso tipo de sociedade de hoje. (DINELLO, 1994, p.51)

Ao jogar, ocorre um processo de troca, partilha, confronto e negociação, gerando momentos de desequilíbrio e equilíbrio, e propiciando novas conquistas individuais e coletivas.

Trata-se sempre duma confrontação consigo mesmo, e quanto mais jogamos, mais há possibilidade de que sejamos autênticos e sinceros, porque no jogo não podemos nos enganar. (...) É neste nível que o jogo me parece responder às condições educativas muito mais profundamente que as atividades regidas pela

sociedade global. Quanto mais regulamentações há, menos possibilidades há para a criança de elaborar ela mesma suas próprias regras. Quanto mais lhe apresentamos situações fechadas - diante das quais ela deverá se submeter ou trapacear para escapar a este quadro rígido -, menos lhe propomos situações abertas, na qual ela pode se descobrir autêntica e criativa. (DINELLO, 1994. p.27)

É através da atividade lúdica que a criança prepara-se para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ele se integrando, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir, cooperar com seus semelhantes, e conviver como um ser social.

E para finalizar este capítulo nada melhor do que encerrá-lo com uma das narrativas das professoras colaboradoras.

Perguntei a Suzana: - Tu falastes que mudou a tua concepção sobre lúdico, que concepção tu tens hoje? Ela comenta:

“Hoje é bem mais aberta, eu acho que tudo aquilo que tu trabalhar com a criança, que trazer prazer e que ele mostrar criatividade, nas diversas formas, até como eu citei aqui, seja o teatro, a música, a dança, recorte e colagem, artes plásticas enfim, acho que tudo isso aí tem bastante a ver com a ludicidade, porque a criança está mostrando muito do que ela é ali, e tu vai conhecendo (...). Tu vai conhecer teu aluno observando aquilo que ele está produzindo, não que tão importante seja o produto final, é o processo de construção que eu considero mais importante. De repente ficamos a tarde inteira fazendo uma mesma atividade, mas o tempo que ele esteve envolvido, criando, pensando, acho que isto é o mais importante”.

5.6 A experiência viva do professor animador. E quem é o professor animador?



É a pessoa responsável pelo trabalho a ser desenvolvido na escola, portanto o próprio professor, seja como organizador do espaço da sala de aula e/ou mediador da ação de brincar. Quando se fala que o animador é um mediador, significa que através da atividade lúdica ele é aquele que prepara o ambiente, subsidia a atividade, incentiva e enriquece a brincadeira.

Para ser um professor animador, a formação teórica não é suficiente. É preciso investir em vivências lúdicas. Isso porquê ele deve, acima de tudo, saber brincar. Para isso precisa ter, antes de tudo, disponibilidade corporal. Além disso, é necessário saber qual linguagem usar com a criança. Deve estabelecer regras, saber qual postura tomar nas diferentes situações em que as mesmas não são cumpridas e, principalmente, saber quando e como intervir.



O professor animador precisa conhecer jogos, brinquedos e brincadeiras tanto antigos como novos, pois estes também devem ter seu lugar reservado na escola. Paralelamente, o que é atual e o que é novidade também é domínio do professor animador. Para isso é preciso atualizar-se sempre. No entanto, antes de levar uma novidade para a sala de aula, o professor animador precisa brincar com o objetivo de observar, experimentar e analisar. Deve, conhecer jogos, brinquedos e brincadeiras existentes, procurar saber jogá-los da forma convencional e descobrir outras maneiras interessantes de exploração. Por isso, o professor animador precisa brincar dentro e fora da escola.



O ambiente da sala de aula precisa proporcionar rotatividade e mobilidade, por entender ser este uma forma de dinamização do processo ensino aprendizagem. E assim, se mantém presente sempre à novidade.

Para ser um professor animador pensa-se que ele deve ter algumas qualidades essenciais como: sensibilidade, entusiasmo, determinação e competência. Além disso, é importante o bom humor, a paciência e a criatividade. Deve ser um professor que esteja disposto a ler, refletir e discutir.

Frente a toda essa perspectiva, destacamos que o professor animador é um profissional que tem um papel educacional, justamente porque ele deve contemplar na sua preparação, uma formação teórica, pedagógica e pessoal, em função da importância do lúdico.



Finalizando, o professor animador é aquele que dá ânimo e vida, ao se apoiar nas áreas de expressão contempladas na metodologia específica, embasada nos princípios da expressão lúdico criativa, de modo que as áreas são: *“área de expressão plástica: (re)criações com traços e marcas picturais de todo o tipo; com formas tridimensionais a partir de múltiplos objetos; realização de esculturas a partir de massas e materiais diversos; colagens e criação de maquetes; área de expressão musical: explorações de ruídos diversos; experiências de diferenciação auditiva; ensaios de cantos e harmonização sonora, experiências rítmicas e melódicas; área de expressão cênica: uso de disfarces, jogos de papéis, dramatização de contos e lendas, fantasias, máscaras e animação de fantoches, representação de peças teatrais; área de jogos motores e recreativos: vivências corporais num espaço tridimensional, através de corridas, saltos e cambalhotas; jogos de equilíbrio, jogos com objetos e circuito de obstáculos; área de iniciação cultural/folclore: animações com rodas e jogos tradicionais, cantos e bailes folclóricos, narração de contos e lendas”*. (DINELLO, 1997, p.38)

Portanto, o professor animador é aquele que valoriza as potencialidades de cada sujeito e se preocupa em refletir sobre novas formas educativas.

Em Dinello (1997) encontra-se o fundamento que “as áreas de expressão em sua especificidade e em sua integração; correspondendo a idéia de educação integral e de processo de individualização (formas de plástica; sons e músicas; coreografia teatral; jogos com movimento e alegria; folclore).”

5.7 Considerações importantes... ...sobre o papel do professor de educação infantil

Existe um trabalho a ser desenvolvido com aqueles que defendem o direito de brincar da criança. É importante que os profissionais envolvidos com a criança, acreditem e compreendam a importância do lúdico. A partir de um ponto de vista teórico, é preciso encontrar maneiras de colocá-lo em prática. E existem muitas formas, e uma delas é através da metodologia lúdico criativa e nela certamente, à criança é resguardado o direito de brincar.

Tendo por base os estudo de Dinello referente à metodologia lúdico criativa, encontramos uma afirmativa de sua autoria que nos diz: “Estamos a reconhecer a importância do protagonismo de quem quer aprender e a acompanhar crianças e jovens nesse rumo. Com esse propósito, procuramos aprofundar parâmetros metodológicos que podem abrir espaços a múltiplas situações de aprendizagem.”

Acredito que uns dos elementos indispensáveis à concretização de determinadas finalidades da educação infantil são os recursos humanos, em que este enquanto professor de crianças em idade infantil deverá ser um professor que goste de jogar e criar junto à criança. Em contra partida ele deve ter uma pedagogia específica que aqui é descrita como sendo aquela embasada nos princípios da expressão criativa, porque penso ser desta forma que o professor estará apto a animar atividades de expressão e capacitado a orientar o processo sócio-educativo.

Concorda-se com Dinello quando salienta que o professor poderá estar “buscando uma pedagogia capaz de contribuir para o desenvolvimento qualitativo da pessoa”. Porém, isto só será possível se o professor estiver disposto “a aprofundar experiências metodológicas destinadas a aperfeiçoar suas práticas em sala de aula”. E uma das formas de concretizar esta idéia é envolvendo os próprios professores em atividades de expressão criativa, que foi o objetivo principal das duas disciplinas ministradas neste Curso de Formação de Professores por esta pesquisadora que voz fala.

Para que o professor compreenda que quem deve ocupar o centro das finalidades educativas é a criança e sua alegria natural, como nos ensina Dinello, compreende-se que somente através de situações de aprendizagem vivenciadas pelo adulto é que conseguiremos que ele construa um conceito de educação em que o protagonismo da criança é a via que a leva a experimentar atividades significativas de expressão e integração em grupos. Justamente porque em nossa prática de sala de aula foi possível observar que permitindo

ao adulto expressar-se e descobrir sua criatividade, é que ele passa a entender que com a criança este mesmo processo acontece.

Tal experiência também me permitiu mostrar um panorama diferente de aprendizagem da criança, no momento em que aquele professor que estava em uma aula que se utilizou uma metodologia lúdica, este pode visualizar de forma concreta que a função das atividades fundamentalmente lúdicas é que possibilita tanto a ele adulto como a criança o exercício de sua criatividade a partir de materiais variados e em situações apropriadas.

O professor que reflete sobre a sua concepção acerca da criança e do brincar adota diferentes atitudes na sua prática cotidiana, seja dentro de uma sala de aula ou outros espaços em que criança está inserida. É claro que, dentro de um contexto geral, diferentes áreas provocam diferentes interrogações. Estas podem gerar inúmeras pesquisas, atualmente tão necessárias no campo da ludicidade, seja no meio acadêmico ou fora dele. E dentro da escola o professor deve estar atento a tudo que a criança aprende brincando.

Vê-se, portanto, que o que está em jogo é o próprio desenvolvimento integral da criança nos seus diferentes aspectos – afetivo, físico, cognitivo, social. Noutras palavras, a falta de espaços lúdicos compromete o desenvolvimento infantil, justamente porque limita o seu aprendizado.

Discutindo sobre os espaços onde a criança está brincando, quer-se mostrar e ao mesmo tempo defender que se criem oportunidades para que ela se prepare para a vida ludicamente, e desta forma descubra o seu saber, justamente porque esta é a sua linguagem.

Em fim, se está diante de uma proposta para os Cursos de Formação de professores, mais especificamente de educação infantil, onde o papel desse professor animador tem o lúdico como fundamento de projeto de educação e integração sócio-cultural, que possa estar se utilizando diversas formas de expressão lúdica.

Como nos respalda Dinello, “projetos fundamentados na expressão lúdico criativa não se constitui em única via, mas estamos conscientemente posicionados nesta transição pós-moderna, assumindo nossa própria dignidade profissional através do compromisso com uma educação de qualidade, comprometida com a realidade de um Novo tempo”.

5.8 As representações dos professores frente uma metodologia lúdica

Com a pesquisa em andamento foi possível averiguar que muitos dos professores em formação possuem um discurso muitas vezes permeado de idéias equivocadas. Isto significa dizer que possuem representações com uma imagem muito distorcida sobre a ludicidade. Veja alguns recortes a partir das narrativas das duas professoras colaboradoras que evidenciam esta idéia:

São situações de atividades lúdicas vivenciadas na escola: a) Nos momentos do recreio, o pega-pega, quando alguém lidera a brincadeira e ela segue o ritmo: quem é pego passa a pegador até perder o

interesse. b) Jogo da memória alfabético, jogando em sala de aula, onde os alunos desenvolvem a atenção, a concentração, limites, aprendem o alfabeto. (Profa. Suzana)

As atividades lúdicas são fundamentais para a educação, é uma ferramenta acessível que fortalece o trabalho e proporciona prazer ao educando, pois o interesse em aprender desta forma é maior e melhor. (Profa. Suzana)

A ludicidade entra direto na Educação Infantil, ela é o apoio, a ferramenta que o professor tem para desenvolver um bom trabalho. Entendo o lúdico como todas as atividades: brincadeiras, recortes, colagens, teatro, música, etc., todas são importantes para trabalhar com Educação Infantil e devem ser consideradas diariamente. Defino lúdico como aquelas atividades que dão prazer ao educando e proporcionam uma aprendizagem de forma não tradicional, com diálogo, criação de regras e sociabilidade. Gosto de cantar com os alunos, contar-lhes histórias imitando as vozes dos personagens e os gestos, confecciono com eles muitos jogos: da memória, quebra-cabeça, dominó e outros; ofereço muitos momentos de recorte, colagem, pintura, dramatização, confecção de fantoches, montagem com sucata... Com a ludicidade presente temos alunos com mais prazer, mais alegrias, maior atenção e concentração, conhecedor de limites, conscientes de seus deveres e direitos e de suas capacidades. O lúdico, quando bem 'direcionado', forma cidadãos. (Profa. Suzana)

Na pré-escola e na 1ª série andar sobre linha, sobre cordas para o equilíbrio. Gato e rato (coordenação) Na festa Junina. Na escola, onde trabalho acontece com bastante frequência jogos didáticos para auxiliar os alunos na aprendizagem. Jogos de equilíbrio e coordenação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Educação Infantil e 1ª série. Jogos com latas na quadra, correndo em zigue-zague, sobre linhas e cordas para adquirir equilíbrio e

coordenação tão presentes nas dificuldades de leitura e escrita quando as crianças não têm desenvolvidas. Jogos de países e capitais, Estados e capitais nos maiores com prêmios de balas, pirulitos, no estudo da geografia. Na matemática, no estudo da tabuada com dominó e muitos outros. (Profa. Carmelinda)

Em nossa escola são realizadas atividades lúdicas em todas as séries do Ensino Fundamental, principalmente de Pré até 4ª série, séries iniciais. Na Educação Infantil a criança será integrada a um novo meio social, através do relacionamento com outras crianças e adultos e estabelecerá os primeiros processos de socialização. A criança encontra dificuldades, apresentando insegurança por não ter a seu lado, pessoas da família ou de seu conhecimento. O professor deve utilizar-se de procedimentos pedagógicos adequados para esta situação. Alguns autores como Leontiev, Freire, Rizzi e Hayalt, sugerem que este período escolar pode tornar-se facilitado se o professor utilizar atividades lúdicas, especialmente as que valorizem a motricidade infantil. Em qualquer história ou brincadeira o professor auxiliará a criança a perceber movimentos que partem de seu corpo. Jogos são propostos para dramatizar e alegrar as crianças. Estes jogos além de auxiliarem a fixação do conteúdo, desenvolvem a atuação e a habilidade de movimentos em várias direções. Ao professor compete planejar, adaptar e experimentar novos jogos, novas brincadeiras, sempre atendendo às emergências, às necessidades, às disponibilidades humanas e materiais. O professor não esquecerá as ações de cortesia e de ajuda e não se limitará a uma aula. Continuarão durante todo o processo de ensino aprendizagem e que ele é o modelo para os seus alunos. É preciso educar para libertar. Produzir conhecimento ao invés de repassá-los. Exercitar-se na ludicidade. A vivência do jogo possibilita a materialização de todo esse aporte teórico. Se o buscamos na Filosofia Existencial é a valorização do ser, da liberdade, do ético e do moral, temos a certeza que no ato lúdico todos esses aspectos se fazem reais.

Ao viver o jogo, o ser humano se exercita na liberdade, na criatividade, na moral e na ética. A construção do conhecimento no jogo, se dá de maneira espontânea. É na faixa do inconsciente que acontecem as grandes transformações, além do aspecto físico, visível da ludicidade, existe todo um movimento interior que converge para a integração. A ação corporal desencadeia uma série de outros eventos, ligados ao pensamento e às emoções. É através desses elementos que serão tratados os medos, os traumas de infância, as dificuldades de relacionamento. Coloridos pela afetividade do ato de jogar em grupo, esses problemas serão resolvidos de maneira imperceptível, no patamar do inconsciente. Há muito tempo se sabe que o afeto é importante na aprendizagem. Sempre se soube que o ser humano se desenvolve no jogar. Esse conhecimento foi relegado ao plano teórico, o que estamos fazendo é utilizando em sala de aula, seu lugar de fato. (Profa. Carmelinda)

O lúdico desenvolve as atitudes, a motivação, a perseverança, a concentração, a cooperação, a reflexão e a autonomia. A criança associa e faz relações e o brinquedo tem grande influência em seu desenvolvimento. Ela aprende a agir e pelo simbólico expressa o real e é pelo significado que ele age. Brincar é um processo que proporciona um modo de aprendizagem em comportamentos lúdicos; a motivação e o interesse por meio do brincar são estratégias equivalentes à instrução direta; brincar não é um assunto, é um processo, um meio de ensinar e aprender. Deve estar impregnado nas atividades escolares, não considerá-lo um estorvo ou uma atividade residual, é valioso na sala de aula. Quando o jogo é desafiador o grupo tenta alternativas, se não conseguir desiste. Winnicott afirma que a brincadeira é a melhor maneira da criança comunicar-se, ou seja, um instrumento que ela possui para relacionar-se com outras crianças. Brincando a criança aprende sobre o mundo que a cerca e tem a oportunidade de procurar a melhor forma de integrar-se a esse mundo que já encontra pronto ao nascer. É na atividade

lúdica que a criança pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte de sua realidade interior, pois brincando, a criança irá, pouco a pouco aprendendo a se conhecer melhor. Os grandes cientistas sempre estabeleceram esta relação entre a produção do conhecimento e o pensamento lúdico. Um cientista que não sonha não constrói novos conhecimentos. Educando para a transformação, não é possível o repasse, mas sim a produção de novos conhecimentos. No compartilhar a produção lúdica, há o exercício da capacidade de pensar e realizar em conjunto. Isso a meu ver é a transformação social que se quer, de pessoas trabalhando juntos, com vistas a um futuro melhor. (Profa. Carmelinda)

Ao tomarem contato com a metodologia lúdica inicia-se todo um processo de mudança em relação a um discurso inicial equivocado, ou poderia dizer uma representação, um imaginário sobre a presente temática.

Neste sentido mais uma vez é importante revisitar a voz das professoras participantes desta pesquisa, Suzana e Carmelinda, após vivenciarem as animações lúdicas no laboratório de ensino – minhas aulas das disciplinas Pedagogia do Lúdico e Expressão Lúdica.

Penso ser relevante comentar que tais falas também se referem aos momentos em que Suzana e Carmelinda puderam se assistir aos vídeos e/ou olhar as fotos em que estão realizando as atividades das aulas.

Estas disciplinas vieram de encontro aos meus desejos e anseios, não são pelas sugestões, mas pelo embasamento teórico, pela segurança transmitida ao que já fazia e precisava melhorar, mudar alguns conceitos e modos de trabalhar. Para leigos, brincar é algo que se faz em casa, porém desconhecem a sua importância na formação do ser criança. Vejo hoje

com outros olhos como trabalhar a ludicidade na turma em que atuo na minha escola, pois é possível trabalhar os mais diferentes conceitos através de jogos, canções, dramatizações, etc. Vejo, agora, com maior clareza como desenvolver conceitos e como fazer meus alunos crescerem com o uso da ludicidade na sala de aula. Durante a graduação, constava no currículo disciplinas que trabalharam a questão lúdica. Foram bastante proveitosos estes momentos, pois além da fundamentação teórica, foi trabalhada na prática e esta vivência foi muito importante e me fez ser criança novamente, analisando e entendendo a importância destes momentos para os educandos e sua formação integral. (Profa. Suzana)

As disciplinas Pedagogia do Lúdico e Expressão Lúdica me mostraram que a sala de aula, integrada com todas as disciplinas trazem socialização, cooperação, troca, interação, agilidade, equilíbrio, atenção e conhecimento do outro. São disciplinas que além do prazer se trabalha muitos objetivos. Aprendi que devemos deixar a criança em contato com todo o tipo de brinquedo. Ela brinca com o que ela gosta e também depende da companhia de quem brinca. O adulto pode e deve intervir no brinquedo da criança em determinados casos, se ela estiver se tornando agressiva por causa de um determinado brinquedo. Acredito ainda que o limite que se coloca, não faz nada para aliená-los. Winnicott nos diz que: a brincadeira fornece uma organização para o início das relações emocionais e ainda propicia o desenvolvimento dos contatos sociais. Brincando o aluno desenvolve intimidade com qualquer disciplina (matéria) transpõe a barreira da rejeição e relaxa, permitindo-se gostar de saber em qualquer assunto. Entendi com as duas disciplinas que uma das maneiras de incentivar o aluno é partir de atividades lúdicas, podem ser úteis a motivação individual, se forem trabalhadas de maneira a estimular a pesquisa. O professor pode oferecer um jogo sobre um conteúdo, sem explicar a matéria oferecendo apenas material para consulta e orientação para o trabalho. Quanto mais jogos oferecer mais o aluno poderá

divertir-se procurando as respostas para poder jogar. Estas atividades estimulam uns alunos e criam angústias para outros. O professor deve estar observando a formação de conceitos e a construção de reflexões lógicas. Estas atividades alternativas podem estar presentes em todas as aulas. Entre uma atividade e outra, no fim da aula pode utilizar estes jogos para divertir-se com os colegas. (Profa. Carmelinda)

O papel do professor na situação de atividades lúdicas é orientar e estimular. Eu jogo junto, como um dos componentes, e percebo que eles gostam disso. (Profa. Suzana)

O papel do professor é ter conhecimento, aptidões e clareza na utilização dos jogos em sala de aula. Deve saber jogar e despertar o interesse dos alunos, tornando-o uma aprendizagem e não apenas um jogo. Deve saber partir do jogo para o conhecimento. O jogo deveria ser obrigatório em todas as disciplinas. É importante para o professor observar a criança jogando, é a melhor maneira de conhecê-la para compreendê-la. É com esse olhar atento de professor que acompanhamos o aluno para analisar suas reações que podem interferir em seu trabalho e em sua vida; só assim poderemos ajudá-la a integrar-se no grupo e na sociedade. Se nossa formação de professor estiver integrada ao lúdico teremos mais condição de desenvolver nosso trabalho integrado ao lúdico, para melhor produzir o conhecimento do aluno. Devemos pensar naquilo que a criança espera de nós e também reconhecer aquilo que a criança traz, portanto, precisamos organizar as atividades em função das necessidades das crianças com quem interagimos. Dinello ressalta a importância dos educadores em estimular a criança para aquisição de outras compreensões de seu mundo vivido e de novos diálogos. (Prof. Carmelinda)

É preciso que o professor saiba jogar, para o êxito do empreendimento. O jogo é tão importante quanto o brinquedo. Um jogo aberto que a criança tenha o

direito de mudar as regras. O professor deve ser criativo para orientar o aluno para que ele encontre outras variações em um mesmo jogo para não se tornar repetitivo, tornando-se cansativo e sem finalidade. (Profa. Carmelinda)

Em contra partida também se encontram professores que acabam reforçando sua ideologia, sendo uma forma de demonstrar sua irredutibilidade em relação a uma mudança. Estes podem ser considerados como pessoas ditas racionais, em que se pode concluir que são difíceis de trabalhar a sua imaginação e criatividade. Isto significa que tais resistências ao novo partem de professores com posturas duras e rígidas.

6 ENFIM, POR QUE REPENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES À LUZ DO IMAGINÁRIO E DA LUDICIDADE?... MINHAS CONCLUSÕES FINAIS...



Esta é uma proposta lúdico criativa, em que o papel do professor é muito importante, por ser uma modalidade nova do “funcionamento” do professor.

Na proposta lúdico criativa se fala em animações pedagógicas, sendo uma modalidade metodológica de ser professor, é o professor animador, porque corresponde ao que vai dar ânimo e dar vida, existindo um projeto com finalidade educativa.

Com esta proposta de trabalho com professores procurei privilegiar o processo formativo, tendo por alicerce construtivo a

expressividade e a imaginação consubstanciadas na ludicidade a ser exercida por esses professores.

Volta-se para a defesa veemente de uma formação em que o lúdico é condição indispensável à construção do ser professor. Não basta a este “saber o valor educativo do lúdico”, é preciso que ele mesmo exercite sua ludicidade, resgatando toda a sua história e ressignificando-a em uma prática educativa que como professor animador passa a possibilitar espaços e situações lúdicas a seus alunos inserindo-se como sujeito lúdico participante nestes. Os aportes teóricos aqui envolvidos são os achados do imaginário social, da linha sócio-histórica e da expressão lúdico criativa, por acreditar que esta experiência trama as vozes dos autores, minha própria e das alunas, justificando a importância de uma Pedagogia da Imaginação, uma Pedagogia da Expressão.

Neste sentido, é o resgate da infância de cada um, que como adultos perdem a espontaneidade, logo não exercem sua ludicidade.

A metodologia lúdica como processo de formação de professores: o professor precisa ser formado exercitando sua ludicidade, o fundamental é o fazer a vivência da ludicidade ao longo do processo formativo, então este professor terá, possivelmente, pouco mais de conhecimento de quando ele chegar na escola e realizar algo diferente.

A formação está não apenas na vivência lúdica que é sugerida, mas também como o professor reage àquela vivência e a partir dessa recria outras. Na linha sócio-histórica o brincar é uma atividade lúdica

que o objetivo está nela mesma, não tem o objetivo fora. A ludicidade é o fim em si mesma.

O adulto foi construído desde a escola para ter o produto. Para os professores a atividade tem que ter um produto fora da própria atividade (Ex.: o desenho da criança que fica guardado em pastas para serem mostrados as mães).

Uma proposta em que a ludicidade seja um fim em si mesma e não um produto é o que se deseja com esse processo formativo dos professores, em que como adulto, terá que (re)aprender. O adulto tem dificuldades em exercer sua ludicidade, justamente porque perdeu a espontaneidade, já a criança é espontânea. O imaginário dentro da visão sócio-cultural tem uma base na realidade, pois na realidade se constrói alguma coisa e volta para a realidade transformando-a; é chamada de atividade produtiva ou criativa.

Imaginação é esta atividade que chama a criatividade e é isto que o professor tem que exercitar, do contrário estará “podando” a criança quando ela entra na educação infantil.

Cada vez mais cedo a espontaneidade e a expressividade é “barrada” pela própria escola, porque quer preparar para a série seguinte, fazendo, por exemplo, a criança desenhar em espaços fechados.

Quando se fala em atividade lúdica não deve ser o momento em que o professor descansa e/ou conversa com outros colegas e sim mais um momento com a criança!

Quero reafirmar que procurei mostrar uma visão do lúdico diferente, pensado como uma possibilidade de trabalho, um caminho

de mediação e interação com a criança. Nesta perspectiva, será compreendido o ato de brincar como uma possibilidade importante no cotidiano do sujeito.

Como pano de fundo a preocupação é a de garantir o direito de a criança brincar na instituição escolar, local em que permanecem por muito tempo de sua vida, digo a maior parte do tempo de suas vidas. Conseqüentemente é necessário que todo o professor se engaje na defesa do direito de a criança brincar.

Mas qual a contribuição que se pode dar no sentido de garantir à criança este direito? Respondendo este questionamento, posso dizer que almejo formar professores na perspectiva lúdica, por acreditar que é uma contribuição possível.

Outro fator importante que todo professor tem que se questionar, assim como eu me fiz esta pergunta, é sobre o valor que as pessoas atribuem a estes momentos, aqui denominados lúdicos. Parece que há um consenso entre educadores sobre a importância da ludicidade, mas que ainda se fazem presentes indagações, como: – Por que se joga? – Onde se joga? – Como se joga? – Quando se joga? – Para que se joga? E é notória a atividade lúdica nos diferentes contextos e em diferentes etapas do desenvolvimento humano em que cresce vertiginosamente.

Na história da humanidade, encontra-se o brincar como atividade que sempre esteve presente na vida do ser humano e, em especial, na vida da criança. Foram manifestações que perpetuam, mas, por outro lado, eram sempre consideradas atividades com conotação pejorativa e não relevantes para a seriedade das ciências.

Com isto verifico que as atividades lúdicas são manifestações espontâneas, presentes desde o início da humanidade, que acontecem no cotidiano. Todo o ser humano sabe o que é brincar, como se brinca, porque se brinca, mas a grande dificuldade surge no momento em que se pretende formular um conceito claro sobre o lúdico.

Será que para ter credibilidade, o lúdico tem que ser racional? Por que não deixar que cada um busque na sua experiência a forma mais ou de compreender o prazer, a alegria e o entretenimento que o lúdico proporciona? Por que cada pessoa não pode conceituar o lúdico pelo que sente – seu imaginário do lúdico, e não pelo que as palavras possam dizer?

A partir dessa idéia considera-se que a ludicidade não se limita à infância, ela permeia todas as etapas da vida humana, o ser humano tem a possibilidade de conviver ludicamente. Logo, pode-se evidenciar a importância do brincar como atividade prazerosa que beneficia o desenvolvimento humano. E também visando a valorizar o ato de brincar como veículo do crescimento humano.

Tendo em vista este contexto, gostaria-se de enunciar alguns princípios norteadores de uma pedagogia do lúdico na educação a partir de uma perspectiva do imaginário social, como: valorizar o ato de brincar, respeitar a liberdade, a iniciativa e autonomia, promover o autoconceito, a automotivação, a arte do relacionamento, a cooperação, o aprimoramento da comunicação, a criatividade, a sensibilidade, as vivências corporais.

Outro aspecto a notar é a relevância em conhecer a criança, no sentido de pensá-la como um ser social determinado historicamente. Justamente, porque a criança é um ser histórico que produz cultura.

No cotidiano situa-se a necessidade dos produtos culturais para a criança, pela sua possibilidade de criação e de viagens fantásticas por mundos imaginários. Como fica o imaginário na atualidade? O imaginário social, na área educacional brasileira, é um campo de pesquisa recente que procura compreender o ser humano na sua complexidade e diversidade, possibilitando a investigação e aprofundamento das subjetividades. Também se pretendeu apontar o porquê da necessidade da aproximação entre as categorias do imaginário social e da educação.

Quis assumir um caráter investigador para pensar a educação a partir de outros fundamentos, outros conhecimentos de ordem, mais subjetiva, aproximando-se da dimensão do imaginário. Assumir este caráter investigativo é acreditar nesse universo imaginário, considerando os sujeitos como capazes de criação histórica.

E também alertar os professores a respeito da importância do lúdico no desenvolvimento de seus alunos e no seu próprio processo de autoformação, a partir de um novo olhar que compreende a dimensão imaginária, de caráter mais subjetivo. Ela é uma necessidade, porque esta dimensão pode produzir o novo: os sonhos, os desejos, as expectativas e os mitos dos sujeitos envolvidos com uma determinada realidade.

Então, por que não atingir seus fins pela via da ludicidade? Neste sentido, pensa-se que, para se compreender esse novo paradigma, todo o professor precisa ser um pouco criança.

Deposita-se desde já muita esperança nesse estudo, sobretudo por pensar que o levantamento de alguns destes aspectos, podem contribuir para o atendimento, da expectativa que representa um desafio para os educadores nos últimos anos: a conquista de uma melhor qualidade de ensino, possibilitando ao educando o acesso ao conhecimento.

Os resultados alcançados tiveram uma preocupação com a mudança conceitual para as práticas cotidianas de jogo com crianças em idade infantil, em outras palavras ressignificar o conceito de jogo infantil. Para tanto, animações lúdicas foram realizadas em sala de aula, entendidas como recursos de investigação, formação e auto formação, justamente porque tais animações lúdicas proporcionam a interação dos sujeitos, possibilitando a ressignificação das trajetórias dos professores envolvidos neste estudo, bem como da presente pesquisadora, também sujeito de sua própria pesquisa.

Conclui-se, então, que o processo de formação dos futuros licenciados em Pedagogia continue propiciando oportunidades de experimentações voltadas ao enfoque da ludicidade em educação, envolvendo um universo complexo de significados, ao considerar tanto o desenvolvimento integral dos interagentes como também os desejos, sonhos, expectativas, crenças e mitos desses sujeitos históricos frente a cada contexto sócio-cultural e político.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOMTEMPO, Eddna. A brincadeira de faz-de-conta: lugar de simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). 1997. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. p.57-74.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As Encruzilhadas do Labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v.1.

CASTORIADIS, Cornelius et al. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Sec. Municipal de Cultura, Artes e Ofícios, 1992.

CATANI, Denice Barbara. (org.) **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. **O Jogo Protagonizado como Elemento Potencializador da Ação Reflexiva de Professores Pré-Escolares**. Santa Maria. Dissertação de Mestrado em Educação. Curso

de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

DIAS, Marina Célia Moraes. *Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar*. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). 1997. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. p.45-56.

DINELLO, Raimundo. **El Juego - Ludotecas**. Montevideo: Ediciones Nuevos Horizontes, 1996.

_____. **Pedagogia da Expressão**. Uberaba: Universidade de Uberaba, 1996.

_____. **Expressão Lúdico Criativa**. Uberaba: Universidade de Uberaba, 1997.

_____. **Expresion y Creatividad**. Montevideo: Ediciones Nuevos Horizontes, 1997.

ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. (org.) **Narrativas de professores: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica**. Rio de Janeiro: Raval, 1998.

_____. **Vigotsky um século depois**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.

GAUTHIER, Clermont. [et al]. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas**. Trad. Francisco Pereira. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio. (org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

ISAIA, Silvia Maria Aguiar. Educação Infantil: o jogo protagonizado como atividade desenvolvente. **Revista Educação**. CE, UFSM, v. 18, n.2, p.37-45, 1993-1995.

_____. Contribuições da teoria vygotskyana para uma fundamentação psicoepistemológica da educação. In: FREITAS, Maria Teresa de A. (org.) **Vygotsky um século depois**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998a. p. 21-34.

_____. O desenvolvimento infantil e a problemática educativa: uma orientação sócio-cultural. In: KREBS, Ruy J.; COPETTI, Fernando; BELTRAME, Thais S. (Orgs.) discutindo o desenvolvimento infantil. Santa Maria: Pallotti, 1998b.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vidas e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Educa, 2002.

KRAMER Sonia; SOUZA, Solange Jobim. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

KISHIMOTO, M. Tizuko. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.119-142.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, W. Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.137-155.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a Educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Trad. Fani ^a Tesseler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres; FERNANDES, Tânia Maria. (orgs.) **História Oral: um espaço plural**. Recife: Universitária, UFPE, 2001.

MOROSINI, Marília Costa (org.) et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERS/RIES, 2003.

NOVOA, Antonio. (org.) **Os Professores e a sua Formação**. Portugal: Publicações Dom Quixote, Nova Enciclopédia, 1992.

_____. **Profissão Professores**. 2^a ed. Porto: Porto Editora, 1999.

_____. **Vidas de Professores**. 2^a ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (org.) **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia. In: **Educar em revista número especial/2003**, Curitiba, PR: Ed. UFPR, n. 107, 2003. p.151-174.

OUTEIRAL, J.O. A Criança Normal e o Brinquedo: Um Estudo de Psicologia Evolutiva. In: **Clínica Psicanalítica de Crianças e Adolescentes**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

PIAGET, Jean & INHELDER, B. A função semiótica ou simbólica. In: **A psicologia da criança**. Lisboa: Moraes, 1979.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

POIRIER, Jean; VALLADON, Clapier Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida: teoria e prática**. Trad. João Quintela. **CIDADE?** : Celta Editora, 1995.

SOLÉ, Maria de Borjas. **O Jogo Infantil – Organizações de Ludotecas**. Trad. Maria Vieira Stoer. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1992.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. et. al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

_____. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS

ANEXO I - CARTA DE CESSÃO

Declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minhas participações orais e escritas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado intitulada “O Imaginário Social e a Educação Lúdica – uma estratégia na formação do profissional de educação” de autoria de Janice Vidal Bertoldo, da qual participei, durante o processo de pesquisa desenvolvido pela autora.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes quanto ao teor da entrevista, subscrevo esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a minha autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria, ____/____/2003.

Assinatura do Entrevistado

Documento de Identidade

ANEXO II - CARTA DE CESSÃO

Declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha participação através de imagens fotografadas e filmadas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado intitulada “O Imaginário Social e a Educação Lúdica – uma estratégia na formação do profissional de educação” de autoria de Janice Vidal Bertoldo, da qual participei, durante o processo de pesquisa desenvolvido pela autora.

Abdicando direitos meus quanto ao teor do trabalho, subscrevo esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a minha autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria, ____/____/2003.

Assinatura da colaboradora de pesquisa

Documento de Identidade

ANEXO III - CARTA DE CESSÃO

Declaramos, para os devidos fins, que cedemos os direitos de nossa participação através de imagens fotografadas e filmadas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado intitulada “O Imaginário Social e a Educação Lúdica – uma estratégia na formação do profissional de educação” de autoria de Janice Vidal Bertoldo, da qual participamos, durante o processo de pesquisa desenvolvido pela autora.

Abdicando direitos nossos quanto ao teor do trabalho, subscrevemos esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a nossa autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria, ____/____/2003.

Assinatura do responsável – turma 19

Documento de Identidade

ANEXO IV - CARTA DE CESSÃO

Declaramos, para os devidos fins, que cedemos os direitos de nossa participação através de imagens fotografadas e filmadas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado intitulada “O Imaginário Social e a Educação Lúdica – uma estratégia na formação do profissional de educação” de autoria de Janice Vidal Bertoldo, da qual participamos, durante o processo de pesquisa desenvolvido pela autora.

Abdicando direitos nossos quanto ao teor do trabalho, subscrevemos esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a nossa autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria, ____/____/2003.

Assinatura do responsável – turma 18

Documento de Identidade

ANEXO V

PESQUISA

“O Imaginário Social e a Educação Lúdica Uma Estratégia na formação do Profissional de Educação”

Sr.(a) Professor(a):

Este questionário integra a pesquisa “O Imaginário Social e a Educação Lúdica: Uma Estratégia na Formação do Profissional de Educação”, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da compreensão do jogo como aspecto fundamental da evolução humana, considerando sua interação com as várias dimensões desta evolução e as implicações educacionais decorrentes. Neste momento, pretende investigar a presença do jogo na escola, identificando o modo e a frequência com que ocorre, além de conhecer o pensamento dos professores sobre o assunto.

Solicito, portanto, o preenchimento deste formulário, pois suas respostas serão importantes para o avanço deste estudo.

Grata por sua atenção,
Janice Vidal Bertoldo
Pesquisadora

1 Dados de identificação:

Nome:	Fone:	
Formação:		
Tempo de Magistério:		
Escola(s):	Cidade:	
Série(s) em que atua:	Faixa etária:	Classe social:

2 Questões:

Seus alunos jogam na escola? () Sim () Não

Numere as situações de atividades lúdicas, conforme a frequência com que ocorrem em sua escola (somente as que ocorrem):

() recreio () aula () entrada e saída da escola () educação física () outra (s):

Relate duas situações de jogo vivenciadas em sua escola:

Qual o papel do professor na situação de jogo?

Qual a importância do jogo para a Educação?

ANEXO VI

PESQUISA
**“O Imaginário Social e a Educação Lúdica
Uma Estratégia na formação do Profissional de Educação”**

Sr.(a) Professor(a):

Este questionário integra a pesquisa “O Imaginário Social e a Educação Lúdica: Uma Estratégia na Formação do Profissional de Educação”, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da compreensão do jogo como aspecto fundamental da evolução humana, considerando sua interação com as várias dimensões desta evolução e as implicações educacionais decorrentes. Neste momento, pretende investigar a presença do jogo na escola, identificando o modo e a frequência com que ocorre, além de conhecer o pensamento dos professores sobre o assunto.

Solicito, portanto, o preenchimento deste formulário, pois suas respostas serão importantes para o avanço deste estudo.

Grata por sua atenção,
Janice Vidal Bertoldo
Pesquisadora

1 Dados de identificação:

Nome:

2 Questões:

Seus alunos têm atividades lúdicas na escola? Sim Não

Numere as situações de atividades lúdicas, conforme a frequência com que ocorrem em sua escola (somente as que ocorrem):

recreio aula entrada e saída da escola educação física outra (s):

Relate duas situações de atividades lúdicas vivenciadas em sua escola:

Qual o papel do professor na situação das atividades lúdicas vivenciadas? (use outra (s) folha (s) para responder):

Qual a importância das atividades lúdicas para a Educação? (use outra (s) folha (s) para responder):

ANEXO VII

PESQUISA

“O Imaginário Social e a Educação Lúdica Uma Estratégia na formação do Profissional de Educação”

Sr.(a) Professor(a):

Este questionário integra a pesquisa “O Imaginário Social e a Educação Lúdica: Uma Estratégia na Formação do Profissional de Educação”, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da compreensão do jogo como aspecto fundamental da evolução humana, considerando sua interação com as várias dimensões desta evolução e as implicações educacionais decorrentes. Neste momento, pretende investigar a presença do jogo na escola, identificando o modo e a frequência com que ocorre, além de conhecer o pensamento dos professores sobre o assunto.

Solicito, portanto, o preenchimento deste formulário, pois suas respostas serão importantes para o avanço deste estudo.

Grata por sua atenção,
Janice Vidal Bertoldo
Pesquisadora

RESPONDA AS QUESTÕES, A SEGUIR:

- a) **Como você percebe a presença da ludicidade na Educação Infantil? Que sugestões poderiam ser destacadas para tal contexto?**
- b) **A ludicidade traz contribuições ao cotidiano escolar. Quais?**
- c) **Que importância você atribui às disciplinas “Pedagogia do Lúdico” e “Expressão Lúdica”, no seu processo de formação, enquanto futura(o) licenciada(o) em Pedagogia? Faça sua reflexão.**

ANEXO VIII

<p>ROTEIRO HISTÓRIA DE VIDA</p>
<p>Infância e escolaridade</p>
<p>Lúdico na vida adulta</p>
<p>Lúdico na vida acadêmica</p>